



TAXA PAGA  
MAXIMINOS - BRAGA  
PORTUGAL

DIRECTOR: JÚLIO HILARIÃO VAZ  
ANO LII — Nº 1071  
1 de MAIO de 1997

QUINZENÁRIO  
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15

Preço Avulso — 100\$00  
Tiragem da última edição  
1.700 exemplares



PORTE PAGO

## Depois do Congresso...

— *Termas do Peso*  
— *Vinho Alvarinho*  
— *Presunto de Fiães e de Castro Laboreiro*

Realizou-se nos dias 27 e 28 de Fevereiro e nos dias 1 e 2 de Março o VIII Congresso de Gastronomia do Minho e o local da sua realização foi Melgaço.

A imprensa não lhe deu relevo pelo que não sabemos do eco ou repercussão do mesmo.

Como jornal da terra, «A Voz de Melgaço» entendeu que deve pronunciar-se sobre o mesmo, através de ligeiras referências, que alguns jornais, muito poucos, nos transmitiram.

Como era um Congresso de Gastronomia, baseou-se no tema «em defesa dos produtos tradicionais»:

- Valorizar as termas do Peso e as Caldas de Monção;
- Dinamizar a Rota dos Vinhos Verdes, no caso de Melgaço e Monção, sub-Região dos Alvarinhos;
- Defender os produtos tradicionais — os presuntos de Fiães e Castro Laboreiro.

### Peso

O jornalista João Coito, que participou no Congresso, escreveu um artigo no semanário «O Diabo», de 4 de Março, onde lemos: «Ainda não há muito, as termas de Peso, óptimas para combater o diabetes e o colesterol, eram frequentadas por milhares de pessoas.

Faz dó ver os hotéis em ruína e as termas desertas... Há fantasmas cada- véricos entre a paisagem exuberante e os gritos de cor de oiaias e cameleiras. Até quando?...

Vemos no programa do Congresso que o Eng<sup>o</sup> Luís Leiva, Administrador de Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas, participou nos trabalhos. Que notícias trouxe ao Congresso sobre este tema? O Presidente da Câmara de Melgaço, não obstante as Termas do Peso serem de uma empresa particular, que contributo tem dado a este problema para que se resolva quanto antes e a bem da terra e não apenas da Empresa?

Vasco Callixto, no «Correio da Manhã», de 11 de Março, em artigo que tituló «As Termas de Melgaço em Ruínas», escreve: «Na estância termal do Peso, em contrapartida, os testemunhos de um passado não muito distante só denunciam ruína e desolação. Aqueles antigos hotéis votados ao abandono, são imagens tristes, que denunciavam o falecimento dos idealistas que os ergueram e o desleixo dos que lhes sucederam, justificando as acções camarárias que se impõem e há muito deviam ter sido tomadas, além

no local do antigo Mosteiro.

Os dois homens eram naturais, um de Penso, e outro de Carvalheira, Terras de Bouro.

Pensaram em servir Alvarinho ao jantar, e hesitaram porque este vinho não figurava na Carta Diplomática.

Os encarregados convidaram a Comissão para um jantar e serviram-lhe o Alvarinho. E o vinho apareceu no banquete real.

E começou a paixão e o interesse pela cultura do Vinho Alvarinho.

Quase ao mesmo tempo, na Galiza, surgiu um movimento espantoso no mesmo sentido: a cultura do Alvarinho.

O Conde de Aurora, em livro célebre, referindo-se aos caminhos de Santiago, fala de um Alvarinho na Galiza, o de «Fefinane» que emparelhava com o nosso. Escreve o famoso escritor e aristocrata.

Isto escreveu, há dezenas de anos.

Em La Toja, Galiza, cultivava-se um Alvarinho sem categoria.

Neste momento há, na Galiza, mais de 105 marcas de Vinho Alvarinho, em garrafas bem apresentadas.

Há alguns anos, vimos em Zaraus, nas Vascongadas, já o Alvarinho, da Galiza, em propaganda comercial.

Temos, pois, Alvarinho nas margens do rio Minho, e até Vila Garcia, pelo menos.

O Congresso teria feito um estudo comparativo sobre a qualidade do produto e teria abordado o mercado da concorrência?

O Congresso, pelo que lemos, propôs uma acção conjunta das diversas entidades interessadas no sector.

Há, porém, e já, duas entidades interessadas: A Adega Cooperativa de Monção e a Adega Quintas de Melgaço.

E há lavradores que produzem e comercializam, por si, o produto.

Parece-nos que o estudo a fazer deveria ser um encontro, ou vários, dos produtores de Monção e de Melgaço, que, em conjunto, estudassem esta realidade económica.

### Presunto de Fiães e de Castro

O presunto de Fiães é reclamado (continua na pág. 9)



do mais, para não se oferecer aos visitantes um tão degradante espectáculo».

### Dinamizar a Rota dos Vinhos

Em poucos anos, Melgaço tornou-se uma zona de produção quantitativa e qualitativa de Vinho Alvarinho, ombreado, vantajosamente, com Monção.

Foi gente de Melgaço e de Monção que lançou o Alvarinho. A «Casa da Cabana», em Rouças, e a «Casa de Queirão», em Paderne, foram pioneiras.

Não havia, porém, a comercialização, visto que a produção era deminuta e o Alvarinho não constava da Carta Diplomática dos Vinhos.

Antes, porém, desta Carta, já a Cepa Velha, de Monção, com a visão de Carlos Alves tinha bom vinho Alvarinho no mercado.

E a fama do mesmo Alvarinho cresceu após a primeira visita da actual Rainha da Grã-Bretanha, a Portugal. Como?

Dois homens, que eram proprietários, na cidade de Lisboa, da afamada casa Benard, foram incumbidos, oficialmente, da preparação do jantar que seria oferecido à Rainha, em Alcobaça,

## Mês da Santíssima Virgem

O mês de Maio é, de há muito, dedicado à Santíssima Virgem.

Portugal tem a Mãe de Deus como sua Padroeira, e de Norte a Sul de Portugal, catedrais, santuários, igrejas e capelas, consagram-lhe títulos maravilhosos.

Na nossa terra acontece o que se regista em todo o Portugal. São numerosas as invocações à Santíssima Virgem: Senhora dos

Milagres, Senhora do Socorro, Senhora do Alívio, Senhora da Vista, etc. É a presença piedosa da nossa boa gente a manifestar-se em grande.

É preciso, no entanto, confirmar essa piedosa devoção com a nossa vida.

Começa hoje o mês de Maria. Às flores que ornem o Seu altar, juntemos a nossa prece sentida e a veracidade da nossa vida cristã.

## Cumprindo a Lei

Conforme exigido pela Lei de Imprensa, Art<sup>o</sup> 7, nº 12, devem as empresas proprietárias de órgãos de comunicação social tornar pública a relação dos detentores de partes sociais das referidas empresas jornalísticas.

No que à «Voz de Melgaço» diz respeito, torna-se público que os detentores de partes sociais na sociedade proprietária «Jornal A

Voz de Melgaço, Ld<sup>a</sup>» são: Cónego António Luís Vaz, Pe. Júlio Hilarião Vaz, ambos com 6,25% cada, e Dr. Carlos Nuno Salgado Vaz, Dr. Maria do Rosário Salgado Vaz, Dr. Júlio Nepomuceno Vaz, Dr. António Luís Vaz e Eng<sup>o</sup> Manuel Luís Vergara Vaz, cada um com 17,5% por cento.

A empresa não detém participação em qualquer outra publicação ou órgão de comunicação.

## Criminoso converte-se

O Dr. Bernard Mathausou, norte-americano, praticou, durante muitos anos, abortos, e declarava-se ateu.

Pois, converteu-se ao Cristia-

nismo e foi baptizado na cidade de Nova York, no dia 9 de Dezembro, pelo Cardeal O'Connor. Presentemente o Dr. Bernard Mathausou é um forte defensor da vida humana.

## Neste mês de Maio Santa Maria, Mãe de Deus

Santa Maria, Mãe de Deus,  
Tabernáculo vivo do Messias,  
Para Vós entoamos Ave Marias;  
Pedindo-Vos perseverança e paz  
Para alcançarmos o Reino dos Céus!

Também Mãe da humanidade,  
Exemplar Família de Nazaré:  
Jesus, Maria e José;  
Mãe de Bondade e de Perdão,  
Símbolo da paz e d'alegria.

Maria Santíssima, Mãe de Deus  
Rei e Senhor de todas as coisas,  
Incomparável Jesus, o Emanuel,  
Que fez a terra e os céus  
Mistério de nossa fé!

«Ave, cheia de graça, o Senhor está  
ConTigo,  
Bendita és Tu entre as mulheres»,  
Gerando o Filho do Altíssimo.  
Maria a Imaculada Conceição,  
É a excepção divina e amada,  
O ponto máximo de Santidade!

Rainha da paz e da vida,  
Rainha do amor e da esperança,  
Em Quem temos confiança;  
Rainha e Medianeira da humanidade,  
Salve Senhora de Bondade, Mãe querida.



Maria da Graça L. Cruz

## «P. Júlio Vaz apresenta MÁRIO»

Este livro está à venda na Gráfica de Fabiano Costa.  
Em Braga, na Livraria "Minho"

# Da Vila e Concelho

## Dr. Francisco Botas

Acompanhado de sua esposa, nossa conterrânea, Sr.ª. Dr.ª. D. Hélia Anselmo de Castro Botas, Digm.ª Chefe dos Serviços de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, esteve entre nós, de visita a seus familiares, o Sr. Dr. Francisco Botas (médico).

Os nossos cumprimentos.

## Em gozo de férias

Em gozo de férias, esteve entre nós durante alguns dias, de visita a seus familiares, o casal nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. Manuel José Faria e sua esposa, Sr.ª D. Madalena Faria, residentes em França.

Os nossos cumprimentos.

## Aniversários

Festejou o seu aniversário natalício, a menina Juliana Alberta Val Brito, filha dos nossos estimados assinantes e anunciantes, Sr. Professor Carmine Armando de Brito e da Sr.ª D. Maria Fernandes Val Brito, delegada da Agência de Seguros «MAPFRE» desta Vila.

Também festejou o seu aniversário natalício, o nosso conterrâneo, Sr. Dr. José Manuel Saraiva Gonçalves, filho do nosso estimado assinante, Sr. José Manuel Gonçalves e da Sr.ª D. Idalina Saraiva Gonçalves.

Festejou também o seu aniversário a nossa conterrânea, Telma Mariana Reinales Fernandes, estudante, filha dos nossos estimados assinantes, Sr. José Maria Fernandes,

Sub-Gerente da Agência da Caixa Geral de Depósitos desta Vila, e da Sr.ª D. Maria Emília Reinales Fernandes, Enfermeira do Centro de Saúde de Melgaço.

Felicitemos os aniversariantes, com os nossos parabéns e desejos de longa vida.

## Luis Pedroso de Lima

De visita a seus familiares, esteve entre nós, o nosso estimado assinante, Sr. Luis Pedroso de Lima, industrial (Empresário) em Coimbra, acompanhado de sua mãe, Sr.ª D. Maria Helena de Morais Lima (Antropóloga).

Os nossos cumprimentos.

## Jornalista melgacense visitou a sua terra

Acompanhado de sua esposa, Sr.ª Dr.ª D. Emília Carreira Montes (Economista), e filho Gustavo, esteve nesta Vila, de visita a seus familiares, o nosso conterrâneo, Sr. Paulo Montes, Digm.º jornalista do Jornal «A Bola», na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

## Dr.ª Eduarda do Sameiro Gomes Pereira

De visita a seu pai, Alfredo Nabeiro Pereira, e outros familiares, esteve nesta Vila, durante alguns dias, a nossa conterrânea, Dr.ª Eduarda do Sameiro Gomes Pereira, Professora do Ensino Secundário, no Funchal.

Os nossos cumprimentos.

## Festa de Nossa Senhora da Cabeça

Na freguesia de Penso, deste Concelho, realizou-se a festa em honra de Nossa Senhora da Cabeça. O programa constou de Missa Solene, presidida pelo Rev. Pe. Justino Afonso, acolitado pelos Reverendos: Pe. António Esteves; Pe. Justino Domingues; Pe. Salvador, da Vila de Monção, que foi o Prégador, e pelo Diácono do Patriarcado de Lisboa, Francisco Nuno Alves Antunes.

No final uma imponente procissão percorreu o itinerário do costume.

Abrilhou a festa a Banda de Música de Tangil — Monção e a Cabine Sonora (CASA SILVA), de Ceivães — Monção.

## José Albano Domingues

De visita a seus familiares, esteve entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. Professor José Albano Domingues, acompanhado de sua esposa, Sr.ª Professora D. Maria de Fátima Teixeira Domingues, e filhos, residentes em Braga.

Os nossos cumprimentos.

## Operado

No Hospital de Vila Real (Trás-os-Montes), foi submetido a uma intervenção cirúrgica a uma hérnia, o nosso conterrâneo, Sr. Júlio Cândido de Araújo Azevedo (JUCA).

Ao nosso amigo desejamos pronto restabelecimento.

## Luis da Fonseca

Numa visita de poucos dias a seus familiares, esteve entre nós, o nosso estimado assinante, Sr. Luis da Fonseca, Digm.º Chanceler do Consulado

Português em Reim's — França, acompanhado de sua esposa, nossa conterrânea, Sr.ª D. Pureza Rodrigues, funcionária do mesmo Consulado.

Os nossos cumprimentos.

## Dr. Joaquim Agostinho da Rocha

Esteve entre nós, de visita a seus familiares, o nosso conterrâneo, estimado assinante e colaborador, Sr. Dr. Joaquim Agostinho da Rocha, acompanhado de sua esposa, Sr.ª D. Isabel da Rocha, e filha, Ana Cristina (Estudante), residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

## António Lourenço

Acompanhado de sua esposa e filhos, esteve entre nós, de visita à sua família, o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. António Lourenço, Agente de 1ª Classe da P.S.P., em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

## Festa do Alvarinho e do Fumeiro

Nos dias 25, 26 e 27 do mês de Abril, realizou-se na nossa Vila de Melgaço, a Festa do Alvarinho e do Fumeiro — III Mostra dos Produtos Regionais.

Com esta realização pretende-se divulgar o que esse campo, o da gastronomia, através dos produtos regionais, pode fazer com que Melgaço seja demandado por turistas, e os produtos regionais se imponham.

Para o conseguir, houve pavilhões individualizados, houve concursos sobre os produtos apresentados e, ainda, alguns restaurantes locais procuraram aliciar os turistas com os pratos locais de qualidade.

Capoulas dos Santos, Secretário de Estado da Agricultura e do Desenvolvimento Regional, inaugurou a Festa.

Durante a Feira foi apresentada a Associação Cultural, Desportiva e Recreativa «Melgaço Radical», a qual se propõe aproveitar e desenvolver o turismo local, com o aproveitamento do rio Minho, e as montanhas da nossa linda terra.

## Subsídios de Solidariedade Social

O Ministério da Solidariedade e Segurança Social concedeu 115 mil contos a instituições particulares de solidariedade social.

Melgaço recebeu 7.500 contos para a Misericórdia e 18 mil para a APPCDM.

## De Chaviães

Festejaram as suas Bodas de Ouro no domingo de Páscoa, dia 30 de Março, o Sr. Vicente Rodrigues e sua esposa, Sr.ª D. Alzira Augusta Rodrigues. Assistiram à missa dominical rodeados de toda a família, filhos, netos e dois bisnetos. O Sr. Pe. Batista benzeu as alianças e deu-lhes os parabéns pelos 50 anos de casados. Findos os actos religiosos, dirigiram-se para sua casa, no Lugar do Outeiro, onde foi servido um lauto almoço a todos os convidados.

Que cheguem a fazer as bodas de diamante, são estes os nossos votos.

Também nesta freguesia decorreu a visita pascal. Este ano foi o pároco da freguesia que visitou as casas dos seus paroquianos, pois como tem quatro freguesias, só de 4 em 4 anos é que pode visitar a casa dos paroquianos. Tudo correu normalmente. Agora só para o ano 2001 é que será a vez da freguesia de Chaviães

(continua na pág. 3)

## Farmácia Dias Ferreira

Direcção Técnica e Propriedade:  
D.ª Júlia Eduarda Dias Ferreira

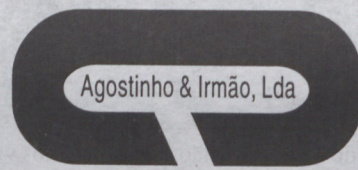
EM SERVIÇO PERMANENTE E AO SERVIÇO DA SAÚDE  
E BEM-ESTAR DOS MELGACENSES

Estrada Nacional • Telefone 43312 • MELGAÇO

## Manuel Luis Domingues Rodrigues

PROFISSIONAL DE  
INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

Residência e Armazém:  
Rabosa - Penso • Tel. 416066  
4960 MELGAÇO



Agostinho & Irmão, Lda

Construção  
e venda de  
apartamentos, terrenos e lojas

ESCRITÓRIO:

Av. General Norton de Matos, Nº 26 - 1º - Sala 5  
Telef. 612287 4700 BRAGA

## Dr. Paulo Malheiro

ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto  
Telefone 4940478 • 2700 AMADORA

## Serralharia Rodrigues & Sarandão

Possuidora de moderna maquinaria e pessoal apetrechado, realiza com perfeição e em óptimas condições todos os trabalhos da especialidade

Boavista — Roussas — Telefone 43567

## Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Rua Dr. António Durães  
MELGAÇO

## Electrotécnica

António Solha & Irmão

~ Rádio  
~ Instalações Eléctricas  
~ Televisão  
~ Amplificações Sonoras

Agentes da SIEMENS

Assistência Técnica Qualificada

Praça da República • Telef. 42294  
4960 MELGAÇO



CONSTRUÇÕES

GUERREIRO & LIMA, L.DA

constrói — aluga — compra  
vende casas e apartamentos  
qualidade, bom preço

Escrit. — Rua do Fajal nº 20 — R/c — Telef. 73337  
Resid. — Rua do Pinheiro, 113 — Nogueira — Telef. 683103 — BRAGA

Compre agora  
e pague em 12 meses

em

## Móveis Castelo

de:

Ramiro de Lima A. Cerqueira

Rua das Escolas  
Telef. 42695 • 4960 MELGAÇO

Exposição: Rua da Calçada

«JORNAL A VOZ DE  
MELGAÇO, LDA.»

Proprietária de

«A VOZ DE MELGAÇO»

Director:  
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector:  
CARLOS NUNO SALGADO VAZ

Redacção e Administração:  
Largo da Senhora-a-Branca,  
nº 105 — Tel. 214284  
4710 BRAGA

Composição e Impressão  
em Offset:

Litografia A.C.

R. Cons. Lobato, 179 R/C  
Tel. 72967 — Fax 612008  
4700 BRAGA

Assinatura anual:  
2.500\$00

(continuação da pág. 2)

voltar a ser visitada na Páscoa pelo seu pároco, Pe. Batista. Até essa data, boa sorte e felicidades para todos os que lá chegarem.

No passado dia 9, depois de já ser muito desejada, chegou a chuva a esta freguesia, que felizmente não causou danos na agricultura. Já o mesmo não aconteceu nas vizinhas freguesias de Prado, Remoães e Paderne, onde caiu granizo e causou grandes prejuízos nos batatais e nas vinhas do Alvarinho.

Encontra-se internado no Hospital de Viana do Castelo o nosso amigo e conterrâneo, Manuel Joaquim Domingues, mais conhecido por «Vitória», do lugar de Barraço, pois no dia 16 de Março foi acometido por um enfarte. Oxalá se recupere depressa e venha para junto da sua família e amigos. Daqui lhe desejamos rápidas melhoras.

**Baptizado**

Na missa da tarde de sábado de Aleluia, na Igreja Paroquial de Chaviães, foi baptizado um menino a quem foi posto o nome de André dos Santos Gonçalves, filho do nosso conterrâneo Augusto Gonçalves e de Libiana dos Santos, residentes em Paris (França). Foram padrinhos seus tios maternos, Fernando dos Santos e Fátima dos Santos.

Os pais vieram passar umas curtas férias na Páscoa e aproveitaram para fazer o baptizado do seu filho.

Desejamos muitas felicidades para o pequeno André.

António Esteves Alves

**Cartas ao Director Incêndios na nossa terra**

Exmº Senhor Director de «A Voz de Melgaço» Largo da Senhora-a-Branca 4700 Braga

**Penso**

No dia 5 de Abril começou um grande incêndio na freguesia de São João de Sá — Monção. Estiveram casas em perigo, correu pelos montes, seguiu para a freguesia de Penso — Melgaço. Arderam centenas de hectares de mato e pinhal.

Na freguesia de Penso estiveram em perigo os lugares de Lamparra e Paradela, que não arderam derivado à prontidão dos Bombeiros de várias Corporações, e populares. No dia 7 ainda havia uns pequenos focos de incêndio.

Os acessos aos montes são péssimos, em alguns locais até impossíveis. Os carros dos Bombeiros tinham de ficar centenas de metros desviados. Os estradões que há no Monte de São Tomé estão intransitáveis, os cortafogos fizeram-se há anos, e nunca mais foram limpos. O lugar que dá acesso ao Monte Lamparra, não há carro de Bombeiros que lá consiga chegar, e com muito custo chegam os tractores. Pois, senhores autarcas, já era tempo de terem ligado a estrada Municipal de Paradela a Lamparra, assim como terem feito o pontão da Corga do Pomar, que dá ligação a São João de Sá, pois se estes acessos estivessem já construídos talvez não tivessem ardido tantos hectares de pinhal.

Ainda há dias me tinham dito que era o pinhal mais bonito do nosso concelho, e na nossa vida (estou a falar dos da minha idade), já não temos outro igual.

Que eu me lembre nunca tinham ardido tantos hectares de pinhal na nossa freguesia, como desta vez, nem levado tanto tempo o fogo a ser extinto.

Apelo, por este meio, aos nossos Governantes, para copiarem o que é bom dos outros países. Por exemplo, na vizinha Espanha, aqui em frente, mal há um foco de incêndio, vêm logo os helicópteros com os seus sacos de água, para apagar o fogo. Temos que compreender que aos Bombeiros é-lhes impossível chegar a certos locais. Só os helicópteros.

No ano passado também houve diversos incêndios na freguesia, mas vinham os Bombeiros e os helicópteros e eram logo extintos, mas este ano temos que nos contentar só com os Bombeiros. É uma tristeza olhar para os montes e vê-los naquele estado.

Senhores Governantes, vou repetir o que já disse neste jornal: em vez de darem certos subsídios, não seria melhor dar trabalho a essas pessoas? Há quem queira só subsídios, mas ainda há neste País, quem antes queira trabalhar. Por exemplo: pôr essas pessoas a fazer limpeza dos corta-fogos, limpar as estradas florestais, Municipais e algumas Nacionais, pois, em certas estradas Nacionais, quando se cruzam dois carros pesados, um tem que encostar aos matos e arbustos dos barrancos. Em alguns casos até os carros ficam riscados. Assim, criavam-se mais postos de trabalho, em vez de incentivar as pessoas a não trabalhar,

e só a pedir subsídios e fazer uns biscates.

Atenciosamente Manuel José Pereira Rua Ilha do Faial, nº 12-1º-Dº Torre da Marinha 2840 SEIXAL

**Vida Elegante Fazem anos**

No dia 1 de Maio, o Sr. José Rosa Miguel; no dia 2, os Srs. Fernando José da Silva Alves Lima. Manuel Alberto Lopes e D. Ana Maria Pereira da Costa Castro; no dia 1, a Sra. D. Maria da Glória Brás; no dia 5, a Sra. D. Maria Isabel Cardoso Alvim, e os Srs. José Joaquim Esteves e José Martins; no dia 6, as Sras. D. Graziela Maria Fernandes, D. Maria de Lurdes Brás e D. Rosa Cândida Fernandes Pinto; no dia 8, a Sra. D. Margarida Domingues Gonçalves Marques e D. Elisabete da Rocha Cardoso; no dia 10, as Sras. D. Olinda da Ascensão Lemos e D. Donatária Rodrigues Gonçalves

Carvalho da Costa; no dia 11, as Sras. D. Isabel Saraiva do Val, D. Ana Maria Lopes e D. Maria Benvinda da Mota Gonçalves; no dia 12, a Sra. D. Maria Amélia Cerdeira Cerqueira; no dia 13, a Sra. D. Lucinda Cachada; no dia 14, a Sra. D. Rosa Maria Gonçalves Pereira e os Srs. Manuel José Rodrigues, José Armando de Carvalho e o menino Rui Filipe Afonso de Sousa Alves; no dia 16, a Sra. D. Maria do Carmo Lopes Malheiro e os Srs. Manuel Emílio Lopes e Guilhermino Gonçalves Teixeira; no dia 17, o Sr. Manuel dos Santos Morais; no dia 18, o Sr. Manuel Lourenço de Lima; no dia 19, as Sras. D. Lindalva da Ascensão Melo Igrejas, D. Maria Helena Rodrigues e o Sr. José Manuel Esteves; no dia 20, os Srs. João Ferreira Cardoso e Manuel de Sousa Lobato; no dia 21, as Sras. D. Zenaide de Lurdes Morais, D. Maria Teresa Rodrigues, D. Maria Carminda Gonçalves Pereira e o Sr. Ricardo Henrique Esteves Alves (Carabel); no dia 22, D. Maria dos Prazeres Esteves, os

(continua na pág. 4)

**TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA.**



Transportes ao Domicílio de Mercadorias para Portugal e Estrangeiro

IGREJAS - ROUÇAS • 4960 MELGAÇO  
TELEF. PORTUGAL 051-44101 • TELEF. FRANÇA 46.64.28.32

**Serralharia Artística C O D Y**

Portas • Caixilhos Marquises

(Tudo em Alumínio anodizado)

de: Carlos Alberto Codessa

Granjão - Paderne - Telef. 42244 4960 MELGAÇO

**am CONSTRUÇÕES**

**Adelino Medela e Filhos, Lda.**

«Orgulhamo-nos do que construímos»

CONSTRÓI, COMPRA, VENDE APARTAMENTOS E LOJAS, EM BRAGA E PRAIA DE MOLEDO DO MINHO

Visite-nos na: Rua Dr. Justino Cruz, nº 154 - 1º Andar - Sala 9  
Telefone (053) 618525 4710 BRAGA

**DAÑIEL VIDAL**

- Tacos • Parquêt's • Lamparquêt's •
- Soalho • Forro • Vistas • Rodapés •
- Cortiças •

Fornecimento e Colocação

Agente das Tintas Garpintex

Estrada Rio do Porto • Tel. (051) 44361 • 4960 MELGAÇO

**Casa Rodrigues**

De: Isaías Rodrigues

Aparelhagens Sonoras - Arcos e Andores - Instalações eléctricas em ornamentações e habitações - em Capelas e Igrejas.

Tel. 414008 Cristóval - 4960 MELGAÇO

**António Medela, Lda.**

COMPRA E VENDA DE APARTAMENTOS EM MELGAÇO/MOLEDO/BRAGA

Carvalho do Lobo - Roussas • Tel. 45316 (fim de semana)  
4960 MELGAÇO Residência: Tel. 44130

**JUSTINO ALVES & ALVES, LDA**

EMPREITEIRO



- Construção de Moradias e Prédios.  
- Venda de Apartamentos.  
- Todo o trabalho de construção civil.

Sede: Sº do Alívio - Gave • Tel. 47143/47415 4960 MELGAÇO

**JOAQUIM RODRIGUES TEIXEIRA & Cª, LDA**

Construções de Prédios para Venda Alta Qualidade a Preços Compatíveis

**EM BRAGA:**

Escritório AVENIDA CENTRAL, Nº 54 - 1º

Telefones 217256/214185 Fax 217256

**Dra. Maria Cândida Fonseca**

**A D V O G A D A**

ESCRITÓRIOS:

MELGAÇO: Largo Hermenegildo Solheiro • Telefone e Fax 44420  
PORTO: R. do Cidral de Baixo, 6 - 1º • Telefone 317200

COMPANHIA DE SEGUROS **F** FIDELIDADE S.A.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Mediador: Anselmo Manuel Malheiro

Rua Rio do Porto, R/c • Vila • 4960 MELGAÇO  
Escrit. Tel. 44031 - Fax 44031 • Resid. Tel. 42525

**Bento Gomes**

TINTAS ELECTRODOMÉSTICOS

Rua Dr. Afonso Costa  
Tel. 42113 - 4960 MELGAÇO

(continuação da pág. 3)

Srs. Alberto Rodrigues Rego, José Carlos da Costa Velho, António Armindo de Carvalho e a menina Maria Cristina Golim Esteves; no dia 24 a menina Maria Alexandra Rodrigues da Costa; no dia 26, a Sra. D. Rosa Maria Esteves e o Sr. José Emídio Esteves; no dia 27, a Sra. D. Otolinda Isabel Correia Respício Gonçalves e o Sr. José de Araújo Azevedo; no dia 28, as Sras. D. Rosa Maria Magalhães Machado Martins Lourenço, D. Almerinda Lopes e os Srs. Fernando Augusto Gomes e José Augusto Saraiva Igrejas; no dia 29, a Sra. D. Glória de Jesus Grosso Antoninho e o menino António Alberto Cardoso Rodrigues; no dia 30, os Srs. Artur Brás e Manuel Augusto Alves; no dia 31, as Sras. D. Maria Amália Inácio, D. Maria Amélia Gregório Cardoso, D. Maria Fernanda de Sousa Calheiros e o Sr. Justiniano Gonçalves Ribeiro.

## AGRADECIMENTOS

### Venzinda Almeida Convento – Paderne

A família de Venzinda de Almeida, que foi do Lugar do Convento, da freguesia de Paderne, agradece muito penhoradamente a todas as pessoas que manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

### Augusto Joaquim Brás Peso – Paderne

Sua família, na impossibilidade de o poder fazer particularmente, vem por este único meio, agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos de culto.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

## ALUGA-SE

### APARTAMENTO

Para férias, com todo o conforto.

Vila Praia de Âncora.

Telefone 051.44736

## AO ACASO

### A região Turística do Alto Minho (RTAM) com novo estilo de propaganda turística. Paredes de Coura colabora

A Região Turística do Alto Minho (RTAM) vai testar novo estilo de propaganda turística do Alto Minho. A câmara de Paredes de Coura achou excelente a ideia e já resolveu associar-se.

No dia 27 de Abril, avançou com acções culturais e de animação bem como de propaganda da Truta do rio Coura.

A propósito de trutas, vou contar-lhes uma história que certamente não conhecem.

A truta do Rio Trancoso, Fiães, é deliciosa e de sabor excepcional em virtude das águas em fúria que descem do alto das serras e descansam, aqui e além, até ao rio Minho, em poços, onde nascem (aliás nasciam...) e se criavam centenas de trutas.

Recordo-me muito bem de, em pequeno, irmos ao rio Trancoso, no verão, quando as águas eram encaminhadas para a rega. Era só balde-

ar a água dos poços até que as trutas, nervosas, se agitassem em pânico. Era só agarrá-las e segurá-las.

Duma vez, tiramos cento e não sei quantas só dum poço.

Assamo-las na margem do rio e foi uma delícia comê-las à sombra da tarde morna que descia...

Outras levamo-las para casa. Pois bem: o P. Francisco Meleiro, que ali foi professor primário oficial até 1906, tomava a si o cuidado de convidar — e pagar — rapazes e homens que fossem deitar as trutas pequenas pelas torrentes que desciam da Galiza e de Portugal.

Agora não há trutas porque vândalos vão-se a elas com outros meios mortíferos e as pobres vão desaparecendo.

Quando é que a Junta de Freguesia de Fiães vai pensar no como atalhar a essa selvajaria e ao desaparecimento das trutas?

### Guimarães vai fazer propaganda turística em Lisboa, Madrid Berlim

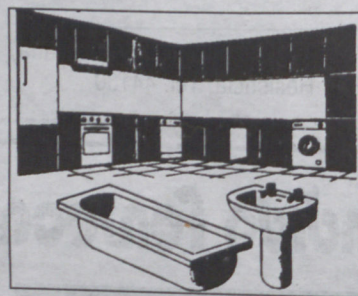
Fantástica a Cidade — Berço! A História encarregou-se de lhe fazer a propaganda turística, mas ela achou que devia empenhar-se a fundo na propaganda não deixando o cuidado por mãos alheias.

Participou na Bolsa de Turismo de Lisboa, e prepara-se para tomar parte, juntamente com o Ver-

de Minho e Alto Minho, nas feiras internacionais de Madrid, Espanha e Alemanha em Berlim.

Gostaríamos de poder informar o leitor acerca da participação da câmara de Melgaço na propaganda que ali vai também fazer o Alto Minho, mas não dispomos de elementos para isso. Quando os tivermos, dá-los-emos.

### António Alberto Pinto de Oliveira



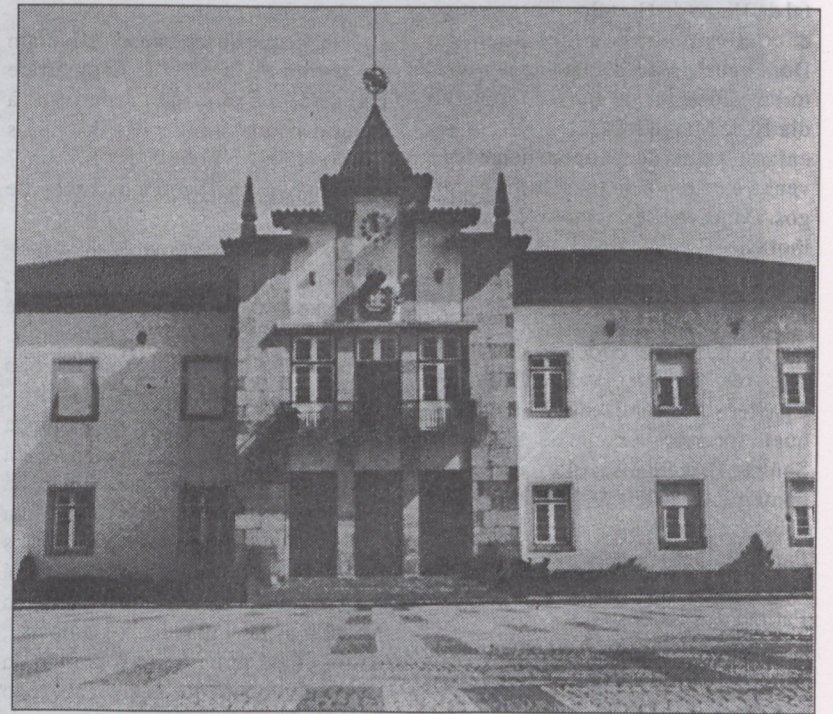
COMÉRCIO DE AJULEJOS, MOSAICOS, LOUÇAS SANITÁRIAS, BANHEIRAS, TORNEIRAS, ETC.

LOJA: Rua Joaquim Pires Jorge, Lote 143 Casal Machados - Catujal - 2685 SACAVÉM  
Tel. e Fax: 9412664 • Telemóvel: 0936-451921  
ARMAZ.: Casal Machados - Catujal 2685 SACAVÉM

## Vieira do Minho e Cabeceiras unidas para atrair turistas

Desde Outubro de 1996 que está em execução o projecto assinado pelas câmaras de Vieira do Minho e Cabeceiras de Basto, Zona Florestal do Vale do Ave, Serviços Florestais

Com a iniciativa, pretendeu-se, desde já, atrair todos quantos se instalaram nos dois concelhos ou os visitam levando-os a conhecer e admirar o que de melhor eles lhes podem oferecer



de Cabeceiras de Basto, Brancelhe e Mútua de Basto em ordem a desenvolver o turismo da Serra da Cabreira.

O programa é o seguinte: — adaptação do mosteiro de Cabeceiras em ordem a facilitar a implantação dos objectivos constantes do referido protocolo, a saber: a aquisição e adaptação dum edifício para guarda de documentos e elementos gráficos: — elaboração e edição de painéis, mapas e slides dos dois municípios bem como de desdobráveis turísticos.

Pretende-se com tudo isso organizar circuitos pelas aldeias serranas bem como trilhos para bicicletas em todo o terreno, construção de paredes para escalada artificial, modalidades de parapente e asa delta, assim como outras iniciativas que forem surgindo ao longo do tempo.

em perspectivas de turismo de vanguarda.

Cabeceiras e Vieira do Minho são lugares privilegiados para visitas ou estadia por ali ou nas proximidades. Ao dar-lhes a conhecer os segredos e maravilhas da serra da Cabreira, desejam tão só mostrar-lhes, agora, de especial, o que o turista apressado nem sequer sabe que existe.

Está a pensar no mesmo que eu, leitor amigo? Ora vamos lá ver.

Se este programa se implantasse em Melgaço, desde o Pernidela, Cavaleiro Alvo — Cubalhão — Lamas do Mouro, Gavião e Castro Laboreiro que te parece? Era o máximo, não?

O mal é que... Que rica soneca, minha gente!...

Luis de Castro

## Agência Funerária Orquídea

COM AUTO-FÚNEBRE PRÓPRIO

Fazemos funerais e transladações para todo o País e Estrangeiro. Tudo relacionado com o Funeral e todo o trabalho em flores naturais.

Serviço permanente Contacte-nos pelos telefones: Diurno: em Melgaço = 43048 Nocturno: em Alvaredo = 416037

REPRESENTANTE AUTORIZADO DA FIRMA

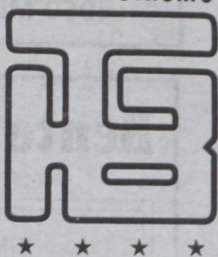


Campas em Granito e Bronzes

Arte Funerária

Largo Hermenegildo Solheiro

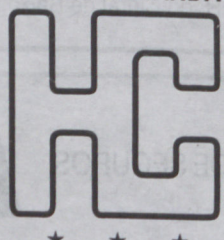
### HOTEL TURISMO



★ ★ ★ ★

Praceta João XXI - 4710 Braga  
Tel. (053) 612200 - Fax (053) 612211

### HOTEL CARANDÁ



★ ★ ★

Avenida da Liberdade, 96 - 4710 Braga  
Tel. (053) 614500 - Fax (053) 614550

Cada cliente, um amigo: cada melgacense, um familiar.

## DECOR. ALTO.MINHO

DE Manuel Luis Domingues

Cortinados • Varões • Sanefas

Uma casa bem decorada é sinal de distinção e elevação.

Estrada Nacional - Vila • Telf. 43903 • MELGAÇO

# Senhor Director

Não sei se por deformação profissional, se pelas minhas raízes cristãs ou pela formação de seminarista, o facto é que não resisto a defender aqueles que, insultados publicamente, não podem, não querem ou não sabem defender-se. Foi assim que defendi, publicamente, porque o insulto era público, o Senhor Amadeu Abílio Lopes.

As minhas capacidades avaliativas, neste caso, até se recomendam, senhor Director. De facto, não escrevi sobre pressão de qualquer espécie, nem sequer com o cuidado de escolher as palavras para não melindrar ninguém, que se poderia traduzir na perda de um punhado de votos nas eleições que se avizinham: é que não sou candidato, nem tenho, que saiba, qualquer parente que o seja.

Escrevi, sim, a indignação própria de uma pessoa de bem, que vê um seu conterrâneo enxovalhado no jornal da terra. E não me refiro, como certamente verificará com uma nova leitura do meu escrito (chamar-lhe artigo seria demasiado pretensioso), às questões referentes à Adega. Refiro-me, sim, ao facto de, sem qualquer motivo aparente, se tratar uma pessoa pela alcunha, e não pelo seu nome. Só a raiva nos pode impelir a isso.

Sou leitor deste jornal para, fundamentalmente, saber o que se vai passando.

Sem me pronunciar sobre as qualidades que exaustivamente enumera, noto, no entanto, uma certa monotonia na linha editorial:

No que diz respeito a um partido, só se refere as coisas boas; no que respeita a outro, só se faz referência aos casos negativos. Ora, senhor Director, todos sabemos, porque não lemos só a Voz de Melgaço, que tanto o PS como o PSD, como grandes partidos que são, enfrentam muitas vezes grandes problemas internos e exter-

nos (veja-se por exemplo, os casos recentes da demissão de Jorge Lacão do Grupo Parlamentar do P.S. e as fraudes dos eurodeputados do P.S.D.).

E se alguém tenta quebrar esta monotonia com um pequeno artigo de opinião, logo ao lado (privilegio de director) aparece outro a cortar qualquer veledade nesse sentido.

E, assim, se mantém a monotonia estabelecida (do meu modesto ponto de vista) que outros, com menos subtilidade, catalogarão de outra forma.

Quanto à Adega, não podemos confundir o capital nela investido, com a sua situação financeira. Defendi, nas páginas deste jornal, a criação da Adega contra a criação da Cooperativa, apesar de ao lado da Cooperativa estarem pessoas que já elogiei publicamente. Chama-se a isto, Senhor Director, isenção. Opinamos sobre factos e actos independentemente das pessoas que lhes dão origem ou que as praticam.

E suportei a defesa da Adega com a necessidade de comercializar o vinho. A má, segundo dizem, situação financeira da Adega, deve-se ao facto de existirem em stock, centenas de milhares de contos em vinho, que é necessário pôr na rua. Esta, sim, deve ser a principal preocupação dos sócios e dos responsáveis pela gestão da Adega.

O Senhor Amadeu nunca deu nada a ninguém? Não faço ideia, mas quem somos nós para o julgar? Mas deu, agora a Adega, não foi? Se não presta, como alguém pretende fazer crer, porque há tanta disputa à volta da sua doação?

Da minha parte, Senhor Director, vou esperar, serenamente, pelo resultado da auditoria, cujo resultado, espero, seja tornado público.

Cumprimentos

Dr. Paulo Malheiro

# Senhor Dr. Paulo Malheiro

Não posso deixar de lhe responder e já.

Faço-o por respeito à verdade e à justiça, sem as palavras que o Senhor usou para com A.E. no número de «A Voz de Melgaço», onde, mimoseou A.E. com vocábulos como estes: «cobarde», «pessoas sem carácter», expressão em que incluía o visado.

E, a seguir, fez perguntas, a que não respondi, porque prefiro viver a lição de um grande mestre: «Não dê conselhos, a não ser que os peçam».

O Dr. Paulo Malheiro irritou-se, com o facto de transcrevermos o artigo de A.E., publicado no «J.M.».

Não queremos olhar ao nível cultural a que o Dr. Paulo Malheiro levou a questão, até porque parece não ter respeito pela função da imprensa, que é informar, opinar e criticar.

O problema «Adega Quintas de Melgaço» é um caso concelhio, caso público, portanto, é objecto de informação e de crítica, para o que as transcrições são contributo válido.

No seu artigo que publicamos hoje temos algumas coisas a aclarar.

Escreve: «Refiro-me, sim, ao facto de, sem qualquer motivo aparente, se tratar uma pessoa pela alcunha, e não pelo seu nome».

Não utilizamos no nosso artigo-comentário essa alcunha, mas podíamos usar, até porque ouvimos na nossa terra, e sempre, que fora a própria Mãe de Abílio Lopes que lhe pusera essa «alcunha».

Referindo-se ao jornal «A Voz de Melgaço» escreve: «Sem me pronunciar sobre as qualidades que exaustivamente enumera, noto no entanto, uma certa monotonia na linha editorial».

As qualidades de «A Voz de Melgaço» advêm-lhe dos colaboradores, muitos, e de variada procedência, que enriquecem o nosso meio e dignificam a imprensa. É jornal aberto a todos e, talvez por isso, é que certos invejam a nossa posição e as nossas qualidades.

Quanto a «uma certa monotonia na linha editorial» parece-me

que há engano.

Curioso registar que recebemos, há pouco, uma carta de um assinante melgacense a trabalhar em Paris, confessando-se amigo do jornal, na qual diz que «A Voz de Melgaço» traz muitas mortes e pouco futebol...

Aproveito a oportunidade para informar o dedicado assinante e leitor de que as famílias dos falecidos encontram, na notícia dos jornais, consolo, e as notícias do futebol bem as desejamos publicar e, as que vamos publicando, devemos-las à gentileza de Miguel Pereira, porque o Alfredo, correspondente da Vila, não as manda.

Quanto à «monotonia na linha editorial» devemos afirmar que não temos tido essa advertência de ninguém, e ao rever os últimos números, desde 1 de dezembro de 1996, verifico que a afirmação feita pelo Dr. Paulo Malheiro, não tem consistência.

Escreve, ainda, o Dr. Paulo Malheiro: «No que diz respeito a um partido, só se refere as coisas boas, no que respeita a outro, só faz referências aos casos negativos».

«A Voz de Melgaço» é jornal e, portanto, de informação, opinião e crítica.

Apesar do comentário do Dr. Paulo Malheiro, sinto-me muito bem acompanhado, como o provam os documentos.

Em 15 de Abril, em «O Diabo» Agapanto Pato escreve: «Estranha atitude a deste Governo e a do partido que o apoia. Na oposição, eram implacáveis com qualquer falha de atenção para com o Parlamento. Hoje, amolecidos com o conforto do Governo, vêm no fundo confirmar que o que verdadeiramente os movia não era um genuíno respeito pela Assembleia, mas uma tática pela conquista do poder».

Victor Cunha Rego escreveu no «Diário de Notícias» de 16 de Abril: «Os portugueses já perceberam que os impostos estão a aumentar — e muito — enquanto o Governo diz o contrário».

José António Saraiva, Director do «Expresso» escreve: «Neste momento, os objectivos do Governo resumem-se aos que vieram do Executivo anterior: integrar o núcleo de fundadores da moeda única, inaugurar a Expo no prazo previsto, e concluir a nova ponte sobre o Tejo».

Agapanto Pato em «O Diabo» de 18 de Fevereiro, escreveu: «O Governo continua sem apresentar reformas moralizadoras aos portugueses, para lá da gestão corrente. A sua grande aposta é integrar o euro, acabar a Ponte Vasco da Gama, acabar a Expo, ou seja, tudo quanto até agora é grande foi projectado por Cavaco. Pesada herança!»

O mesmo Agapanto Pato já havia escrito em 11 de Fevereiro: «E os factos mostram que as ilhas de sucesso empresarial que também existem no País, foram conseguidas com as políticas de Cavaco, já que as de Guterres ainda não tiveram tempo para germinar. Para bem do País, espere-mos que tenham e que possam suplantar as do cavaquismo».

Um leitor—António Joaquim Carvalho—, de Arcos-Estremoz, escreveu no «Correio da Manhã» de 30 de Março de 1996: «Se actualmente estamos a receber a pensão mínima, agradecemos a Sua Exc<sup>a</sup> o professor Cavaco Silva. Aliás, pensão que não é bem compatível para quem descontou para cima de 20 (vinte) contos».

Em artigo no «Correio da Manhã», artigo que tituló «Um Governo de papagaios», J. Martins Pereira Coutinho escreveu: «Considerando a dramática situação de falta de segurança e as previsíveis convulsões sociais a curto prazo em Portugal, fazemos votos para que os papagaios socialistas passem a falar menos, a gastar menos e a trabalhar mais, em prol de um futuro mais risonho para todos os portugueses e não apenas para aqueles que fazem parte da sua família política».

O Bispo de Setúbal, D. Manuel Martins em entrevista ao «Semanário», de 15 de Fevereiro de 1997, disse: «Eu sempre soube que os Governos não podem fazer tudo, mas irrita-me vê-los prometer este mundo e o outro, por ocasião do período eleitoral. Este Governo, que vai fazendo o que pode, foi especialista em promessas. Não houve situação menos boa que não promettessem resolver. Agora é o que se vê. Os meios de comunicação social, sobretudo a TV, vão-nos mostrando, infelizmente, como estamos».

Para coroar estas afirmações, tra-

(continua na pág. 9)

## VENDE-SE OU PASSA-SE

Café Restaurante «ZORRO» junto à Igreja Matriz de Melgaço, totalmente equipado e mobilado.

Telefone 051-44904

## CENTRO COMERCIAL EUROPA

Na Cidade Nova em Valença com frente para o novo campo da feira e rodeado pelo Mercado Municipal, Centro Coordenador de transportes e outros serviços de utilidade pública.

O Centro Comercial Europa é um edifício digno desse nome, o seu interior é amplo e atractivo, tem jardins, quedas de água, chafariz, elevador panorâmico, corredores com 4 m de largo, quente no inverno e fresco no verão.

Lojas de todos os tamanhos; escritórios livres de onus ou encargos.

VENHA VISITÁ-LO, ESTÁ QUASE PRONTO

**G&M** GOMES & MALHEIRO, LDA.

Na Cidade Nova em Valença - Tel. 824530 - VALENÇA

### MEDIAÇÃO DE SEGUROS

AMADEU PEREIRA E CARLOS PEREIRA

PORTUGAL PREVIDENTE • **bonança** • ALIANÇA U.A.P.  
• GLOBAL • MAPFRE • FIDELIDADE

Consulte-nos Sempre! Com certeza ficará satisfeito.

Rua Fonte da Vila S/N - 4960 MELGAÇO

Tel./Fax. 051-42903

## CLIMELGAÇO

CLÍNICA DE MEDICINA DENTÁRIA, LDA.

Gabriela Domingues • Manuel António Costa  
MÉDICOS DENTISTAS, pela Faculdade  
de Medicina Dentária do Porto

Rua Dr. António Durães • Telef. 44225 • Vila - 4960 MELGAÇO

## ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes

Agente Oficial das Marcas:  
AEG/TELEFUNKEN e GRUNDIG

Assistência Técnica  
Venda de Aparelhos  
Electrodomésticos

Rua do Rio do Porto  
Telf. 42650 • 4960 MELGAÇO

ELABORAÇÃO  
DE PROJECTOS  
DE ENGENHARIA

A. Moura Lopes  
ENGENHEIRO CIVIL

R. Dr. António Durães, 3º Dto.  
Tel. 051-44206 ■ 4960 MELGAÇO

# À atenção de A.E.

Estou, emocionadamente, a responder ao seu artigo de fundo, publicado no jornal «A Voz de Melgaço» de 1 de Abril. Emocionadamente, porque, tal como o senhor, também eu perguntei quem é (não em Lisboa, mas em Melgaço!) e, curiosamente, ninguém sabia.

Por isso estou emocionado, por saber quem é, e mais, por saber que foi um câmara representante da população na Câmara Municipal de Melgaço.

Mas, senhor Ex-Vereador ou Ex-Deputado Municipal (não consegui apurar, ninguém me soube informar) não acha estranho que em Melgaço muita gente não o conheça? Cuidado com as próximas eleições!

Para responder ao seu tratado (podemos considerá-lo assim, já que o seu artigo ocupa 2 páginas de um jornal com 12 páginas) não vou precisar de muita tinta, nem vou enveredar pelo insulto baixo e bacoco.

Sobre o que escrevi não retiro uma vírgula porque o meu escrito foi dirigido a A.E., um homem sem rosto (até dava uma bonita alcunha), para mim e para muitos melgacenses residentes.

O Senhor Alberto Esteves, embora não o conheça merece-me outro respeito. Isto não me desobriga, como certamente compreenderá, de lhe responder à letra.

O seu artigo vem-me dar razão. A raiva e dor de cotovelo que referi, só podia vir de um viticultor, certamente sócio da Adega e só este teria motivo para estar zangado com o senhor Amadeu. As suas expectativas saíram goradas e as acções lá foram parar à Câmara, isto é, a todos os melgacenses.

Repare que eu só me insurjo contra o facto de chamar o visado pela alcunha. Sou natural de Chaviães (como o senhor a muito custo descobriu) e nunca ouvi ninguém dirigir-se ao senhor Amadeu, chamando-o por essa alcunha. Será que alguém gosta? Por outro lado, sempre defendi a criação da Adega, contra aqueles que queriam vender Melgaço à Cooperativa de Monção e contribuí, com os meus modestos conhecimentos, para desbloquear algumas situações que emperravam o seu avanço (não, não cobrei honorários. Felizmente, a minha situação profissional permite-me estas liberalidades e, respondendo à sua invectiva, se pretendesse representar o senhor Amadeu, fá-lo-ia nas instâncias competentes e não

no jornal da terra). Arranjei, na altura em que era necessário escoar o vinho, um distribuidor nacional e um distribuidor no Algarve. Estive, portanto, do lado que deu alguma coisa à Adega, porque entendi, como hoje entendo, que é um bem precioso para Melgaço. Se dum lado havia um grupo que, por bairrismo e desinteressadamente dava, do outro havia quem tirasse ou esperasse para tirar. De que lado estava? Não responda, nós já percebemos! Por isso me sinto, de certa forma, ligado à Adega, por isso a contenda, indirectamente, me diz respeito.

Fiquei impressionado com o seu curriculum. Da minha parte, não sinto necessidade de o fazer, seria fastidioso para os leitores e demasiado pretensioso.

O senhor sente-se ofendido com o meu escrito, que era dirigido a um homem sem rosto; no entanto, o seu artigo insulta propositada e deliberadamente o senhor Amadeu. Dualidade de critérios? O que é bom para mim não é para os outros? Ou simplesmente a sua noção de democracia e liberdade de imprensa!?

De todo o seu articulado, apenas uma passagem me prendeu a atenção: «Eu, melgacense de nascimento, recusando a atracção dos grandes centros, aqui continuo lutando pelo progresso do concelho e pelo bem estar das populações... O senhor, Melgacense de nascimento, como eu, bem cedo capitulou aos encantos da capital, utilizando o concelho para «o repouso do guerreiro». Só não me rio, porque a sua afirmação é grave e triste.

As suas afirmações, trazem-me à memória os milhares de emigrantes espalhados por todo o país e os emigrantes espalhados pelos quatro cantos do mundo. Seduzidos pelos encantos ou por necessidade? Felizmente para si, que não teve a necessidade de abandonar tudo e todos para alimentar a família e tentar melhores condições de vida. Que seria de Melgaço sem os emigrantes? E se todos nós que, por um motivo ou outro, partimos de Melgaço, se o não tivéssemos feito, não seria uma infelicidade para si?

Teria os seus filhos a estudar em Melgaço? Teria o senhor emprego? Teria sido eleito? Com que cara vai o senhor, proximamente, pedir os votos aos familiares daqueles que se encontram longe e se reencontram, com ale-

gria, em Agosto, para matar saudades da terra e dos familiares? E se os «guerreiros» fossem repousar para outro lado, que seria dos comerciantes de Melgaço? Afinal, que interesses é que defende?

Quanto à situação da Adega, que apesar de o senhor me querer pôr de fora, vou continuar atento a tudo o que a ela diz respeito, parece-me que não faz tudo o que sabe, limitando-se a fazer umas contas que, obviamente, estão certas, já que dois mais dois sempre foram quatro. Na base dos seus cálculos matemáticos está a verba de 400 mil contos, referida no ano de 1994, dinheiro investido na construção e equipamento.

Saberá o senhor Esteves que no final de 1996 existia na Adega cerca de 300 mil contos em vinho? Quer fazer contas comigo? Sabe quanto é 400 mil + 300 mil? São 700 mil contos!

Porque é que o senhor nunca falou das existências da Adega, no valor de 300 mil contos? Quem pagou este vinho aos viticultores? Foram os sócios? Nem só um tostão lhes foi pedido! Se aos Bancos se deve pouco, é fácil saber donde veio o resto do dinheiro!

Quanto às acções, pessoalmente, não faço ideia quanto valem, mas lembro-me que um accionista publicitou profusamente a venda de um bom lote de acções, por um preço bastante superior. Lembra-se?

O senhor provoca-me, insulta-me, chama-me nomes, dribla-me, rasteira-me, faz trinta por uma linha, mas não sei porquê, não me sinto ofendido! Talvez porque ao ler todo este arrazoado com que me pretende ofender, só imagino uma situação: O senhor ao espelho.

Por fim deixe-me confundir-lhe que já não sou rapazote (embora não me importasse), sou mais entradote e sim, sou licenciado e como me licenciou jovem e sem qualquer dificuldade intelectual, não tenho pejo nenhum em prescindir do Dr. e não, não assino Dr., já que o título não faz parte do nome. Mas sente-se incomodado? Pode-me tratar por Malheiro.

Dr. Paulo Malheiro

P.S. - Percorrendo, propositadamente, Lisboa e arredores, perguntando a muitas pessoas, naturais de Melgaço, se conheciam A.E. ou Alberto Esteves, lamento informá-lo que o resultado foi catastrófico. Cuide-se!

## Casa de Melgaço Presença na Agro e jantar da lampreia

A Casa de Melgaço em Braga está de novo representada na Agro 97, ocupando um pavilhão na Grande Nave com uma exposição documental e de produtos daquele concelho do Alto Minho. A respectiva Direcção, liderada por Alexandre Lourenço, iniciou a preparação do tradicional jantar da lampreia, marcado para o dia 9 de Maio, às 20.30 horas, na Casa do Rio, em Palmeira, Braga.

A exposição na Agro 97 é constituída por um painel com fotografias a cores sobre as várias potencialidades que Melgaço possui a nível do património natural e construído, gastronomia, turismo no espaço rural e desporto-aventura, podendo ver-se ainda uma pequena mostra de produtos locais como broa e chouriços e artesanato local — mantas, meias e capas de Castro Laboreiro.

As várias marcas de vinho Alvarinho de Melgaço e Monção ocupam lugar destacado neste pavilhão, estando a ser distribuído um livrinho a cores com resumos sobre a história de cada um dos Alvarinhos melgacenses, enriquecido com imagens de alguns dos monumentos mais sig-

nificativos do concelho.

Quanto ao desporto-aventura — a novidade no concelho com aderentes de todo o país — as imagens mostram descidas no rio Minho (rafting), escaladas e «slides», foi constituída uma associação específica que tem vindo a trabalhar na divulgação deste desporto radical, em que os participantes têm de enfrentar águas bravas e impetuosas do rio Minho, ladeadas por fortes muralhas graníticas, num percurso em que não faltam zonas rápidas, remoinhos, saltos e outros obstáculos a desafiar quem por ali circula em botes especiais.

A Direcção da Casa de Melgaço em Braga adverte que as inscrições para o jantar do dia 9 de Maio são limitadas, podendo os interessados fazer a sua inscrição no pavilhão da Agro 97 (até domingo), ou então através de Fernando Alves (217724), João Magno P. Castro (610927 ou 217117), Raúl Cerdeira (214227), Eduardo Nóvoas (217456) Ricardo Gonçalves, «Carrola» (72867) e Octávio Fernandes (21851).

Braga, 24/4/97

## Casa Paris

Fundada em 1966

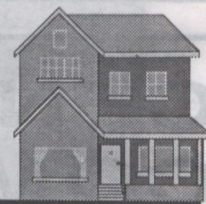
de: Jaime Afonso

Especializada em Louças, Cristais e Artesanato

Serviços de jantar, café e chá • Serviços de copos cristal e vidro • Bronzes • Cobres • Quadros Óleo • Brinquedos • Louças Decorativas e Brindes

LARGO DA CALÇADA • TEL. 42264 • 4960 MELGAÇO

## construções DOMINGUES



■■■ CONSTRUÍMOS, VENDEMOS E ALUGAMOS ■■■  
Apartamentos T1-T2-T3; Comércio, Escritórios, Consultórios

■■■■■ VENDEMOS LOTES DE TERRENO ■■■■■

LOCAIS: Rua Dr. José C. Gomes de Abreu; Rua Dr. António Durães; Santo Cristo e Escola C+S.

Temos atendimento personalizado

TELEFONES: 43433-44747 • TELEFAX: 44747

## Funerária Mira

A primeira:

- ✓ no tempo
- ✓ no serviço e agrado
- ✓ na qualidade e custo
- ✓ no saber estar e acompanhar

Auto fúnebre para funerais. Translações em todo o país e estrangeiro

Serviço  
Permanente

Alvaredo e Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 416237-44014 • MELGAÇO

## AUTO PNEUS MELGACENSE

DE: António José de Carvalho Lima



Calibragem de rodas e alinhamento de direcções • Pneus nacionais e estrangeiros

RECAUCHUTAGEM IMPÉRIO

Mabor • Michelin • Kleber • Bridgestone  
Goodyear • Semperit • Continental • Firestone  
Pirelli • Stunner • Dunlop

ESTAÇÃO DE SERVIÇO E ASSISTÊNCIA PNEUMÁTICA

SANTO CRISTO • TEL./FAX 051-43926 • 4960 MELGAÇO

## VENDE-SE

Uma casa e terreno em  
Soengas, Chaviães,  
Melgaço.

Tratar com o Tel. 053.75588  
ou 00331.48054598

## ALUGA-SE

NO PESO

Para armazém ou garagem  
ou outros fins, espaço com  
100 metros quadrados.  
Bom Preço

Telefone 02-6183228

## Construções Real & Real, Lda.

CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS

Projectação de revestimentos exteriores e rebocos projectados.

Qualidade - Bons preços e cumprimento de prazos

Empresa jovem, mas com obra feita e à vista de todos.

S. Gregório - Cristóval - Telefone 43844  
4960 MELGAÇO

# Senhores Leitores

No dia 2 de Dezembro pouco mais das 22 horas Arlindo Horácio GONÇALVES deixou o mundo dos homens por o Reino de Deus.

A morte dele tem dado que falar e comentar, cada um a sua maneira, sem se preocuparem do que é verdade ou não, e afirmando o que não sabem.

É com pena na alma e grande dor no coração que vou tentar tanto bem que mal vos dar a razão do acto horrível que ele cometeu. E como levar um homem a um tal desespero.

No dia 2 quase à meia noite o telefone tocou, meia a dormir respondi:

- estou...

Ouve uma voz do outro lado que me dizia

- o PAPÁ matou-se...

Pensei que sonhava e perguntei, de novo, o que fora e a mesma voz voltou a repetir

- o PAPÁ matou-se...

Desliguei o telefone sem compreender o que me estava a acontecer, não podia ser verdade, nós que já tínhamos tido a desgraça de ter ficado órfãos na mais tenra idade vínhamos de perder o irmão mais velho. Impossível. Deus não pode ser tão cruel conosco. Mas, novamente, o telefone tocou: já não era a mesma voz, mas uma nova voz desesperada de dor que me confirmava o acontecimento...

Hoje, 4 meses depois, ainda pensamos que é um horrível sonho. Encontramo-nos frente a um problema que não compreendíamos.

O nosso Irmão tinha-se suicidado. PORQUE? QUAL A RAZÃO? Quando fazíamos estas duas perguntas ninguém nos dava alguma resposta.

Sim, havia uma razão...

Nós que o conhecíamos bem, tanto os defeitos como as virtudes, não víamos razão alguma. Só uma.

Alguém lhe tinha tocado na sua dignidade, na sua honra de homem honesto. Isso aí lhe podia fazer mal. Porque era todo o seu orgulho e a sua maior riqueza.

Foi nesse momento que vi uma carta escrita por a mão dele dirigida à esposa, apenas alguns minutos antes. Carta onde lhe explicava que podia tudo suportar mas não uma difamação daquelas, que tinha cometido erros

na vida como todo o homem mas que nunca lhes faltara ao respeito às sobrinhas da esposa. Que tinha a alma e a consciência dele BRANCA e que preferia meter fim aos dias dele que ver as pessoas que ele tanto ajudou e respeitou duvidarem dele.

Foi ao ler essa carta que vi a minha pena aumentar e compreendi quanto ele sofrera naquelas 12 horas.

Quis saber o que tinha acontecido, mas fui obrigada a ler entre as linhas. Ainda hoje não há nada de concreto, nem exame médico, nem queixa judiciária, nem social, ninguém quis mais nada saber. Nesse mesmo dia às 9.30 horas da manhã uma irmã da esposa tinha-o acusado de ter violado uma sobrinha.

Imaginem o desespero de um homem inocente ao ouvir tal difamação das pessoas que durante 26 anos ele considerava tanto ou mais que a sua própria família. Como pode um homem viver tantos anos enganado? Ele que se confiava a essa cunhada, para os problemas familiares, como pode ela acusá-lo de um tal crime?

Eu pergunto a todas as pessoas que o conhecem se alguma vez ele faltou ao respeito a alguém, que fossem novas ou menos novas!

Mesmo com as cunhadas alguma vez ele foi irrespeitoso? Nunca com ninguém.

Há quem diga que ele era mulhereiro. É um crime gostar de mulheres?

No mundo de hoje é quase uma virtude. Todos os que gostam das mulheres são violadores? NÃO

O Arlindo era um homem com defeitos de homem, sempre pronto a ajudar os outros, muito amigo dos seus amigos e orgulhoso de ter conseguido realizar alguns sonhos na vida com trabalho, dignidade e honestidade. É isso um crime? Talvez, para certas pessoas.

A todas as pessoas que lerem estas linhas vos peço se um dia na vossa vida uma injustiça destas vos aparecer, pensai em primeiro verificar que os dizeres são exactos. Não comentam o irreparável. Porque é mais fácil acusarem um inocente que provar a sua inocência.

Os Irmãos

Maria Violeta Gonçalves

Coisas impensáveis!...

Eduardo dos Santos

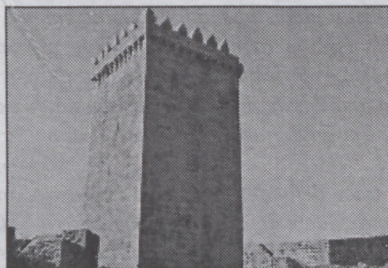
José Eduardo dos Santos é o Presidente da República de Angola, país que está na miséria, sendo um país riquíssimo.

Mas Eduardo dos Santos não compartilha o problema dos angolanos. É que a sua fortuna «é hoje uma das maiores fortunas de África, superior à do próprio Mobutu».

## Aprenda, Rui Solheiro

A lição, Rui Solheiro, vem de um democrata-social, também Presidente de Câmara. Chama-se Isaltino Morais. O «Diabo» escreveu:

«Isaltino Morais defende uma gestão camarária acima dos partidos, jus-



tificando esta opção, acrescenta, «porque os problemas das populações não têm cor partidária». Mostra-se aberto a todas as opiniões, «venham de onde vierem», e garante que no início de cada período pós-eleições sempre tem oferecido pelouros às restantes forças políticas representadas na Câmara Municipal. Os próximos quatro anos serão o complemento ideal para finalizar iniciativas entretanto começadas, defendendo que o «trabalho de um presidente de câmara nunca tem fim.» Rui Solheiro não quer aprender. É pena! Quem sofre são as populações e a mesma política.

# Forum/Festa

No passado dia 15 de Abril, em Vila Nova de Cerveira, realizou-se o III FORUM/FESTA dos alunos de Educação Moral e Religiosa Católica da diocese de Viana do Castelo. Promovido pelo Departamento Diocesano do Ensino Religioso nas Escolas, desde o início do 2º período todos os alunos estavam a preparar, orientados pelos seus professores de E.M.R.C., este grande evento. A Equipa responsável, além de várias mensagens para as Escolas e para os meios da comunicação social, mandou elaborar 500 cartazes, 2.200 T-shirts com o motivo do cartaz, programas e a confecção de 100 pratos também com o tema do Forum. Para este ano de 1997, o tema escolhido foi «COM JESUS CRISTO NA CONTRAMÃO». Este Forum reuniu 28 Escolas, das 33 existentes na Diocese, 2.346 alunos e cerca de 100 professores (além dos professores da disciplina de E.M.R.C. muitos outros colaboraram na preparação e se associaram neste evento). Os alunos de cada Escola, apresentaram temas mu-

sicais, encenações e danças relativas ao tema, tendo sido escolhidos, entre outros, os sub-temas da fome, da droga, da sida, do racismo, da partilha, dos apelos de Jesus Cristo no Evangelho, etc.

O lindo dia de sol e o recinto arborizado da capela de Nossa Senhora da Encarnação, sobranceiro ao vale do rio Minho, em Vila Nova de Cerveira, além da temática escolhida, proporcionaram aos jovens um fraterno convívio. Gritos como «a aula de moral é fixe», «amizade sim, droga não»... ouviram-se constantemente durante a jornada. Na parte da tarde tivemos a grata alegria das presenças do pastor diocesano, Dom Armindo Lopes Coelho e do Sr. Presidente da Câmara de Vila Nova de Cerveira, tendo ambos dirigido breves mensagens aos jovens presentes.

Dizer à sociedade que nos rodeia que «a disciplina de E.M.R.C. está presente em todas as Escolas, e mostrar o valor da diferença de vida nos que descobrem Jesus Cristo», foram os grandes objetivos e as conclusões deste III FORUM/FESTA da diocese de Viana do Castelo.

## Mirafior

A BOUTIQUE DAS FLORES

Ramos de noiva, ornamentação de carros para casamentos, Decorações de igrejas, Arranjos de flores frescas, secas e artificiais, Coroas, Palmas, Bouquets, Corações, Etc.

Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 44014 — Melgaço

## NA VANGUARDA DE TODAS AS LINHAS



LINHA 1200

1210 / 1220 / 1230 / 1250 / 1260

- Nova linha de mini tractores Massey-Ferguson, 5 modelos, com uma gama de potências de 17 a 35 HP (DIN).
- Todos os modelos em versão 4RM, maior capacidade de tracção, maior rendimento.
- Transmissão com inversor sincronizado (MF 1250/1260), maior facilidade nas manobras, maior versatilidade. 16 velocidades para a frente, 16 para trás (MF 1250/1260).
- Tomada de força independente com duas velocidades (540/1000 rpm), ideal para qualquer serviço.



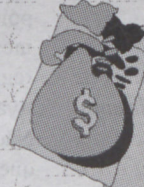
Agente Oficial para o Concelho de MELGAÇO



Garagem Lima DE: António Rocha Lima

Rua da Calçada - Vila - 4960 MELGAÇO Telemóveis | 0676 352678  
Tels. 051-42105 / 44782 Fax 051-44782 0936 842812

## NÃO FAÇA MAIS CONTAS À VIDA!



## CONTA INVESTIMENTO

PARA OS SEUS INVESTIMENTOS

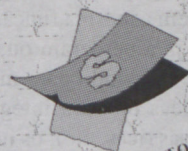
Em qualquer terra estes são os sítios onde a massa cresce mais.

Dãmo-nos bem em qualquer terra.

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Alto Minho



SOCIEDADE GESTORA DE FUNDOS DE INVESTIMENTO MOBILIÁRIO S.A.



CRÉDITO AGRÍCOLA GRUPO

Uma iniciativa que apoiamos vivamente

## Património Histórico e Cultural de Melgaço

— Dirigido «às famílias, professores e alunos da Escola do Concelho de Melgaço» recebemos o documento que gostosamente, e como contributo extensivo a todos, publicamos na integra.

### O Que, é uma cultura?

É um determinado conjunto de modelos de comportamento, de usos e costumes, de instrumentos e objectos usados por uma população, geralmente confinada num espaço geográfico definido.

Assim entendida, cultura é realidade precisa e concreta, isto é, diz sempre respeito a uma população assinalada por características peculiares, que a distinguem de outras populações.

Se falarmos de «cultura portuguesa» queremos com isso significar um conjunto de elementos que constituem um todo relativamente coerente que caracteriza os portugueses, ou seja, aquilo que faz com que os portugueses sejam portugueses. Hoje diz-se frequentemente que a cultura de um povo é aquilo que constitui a sua identidade.

Essa identidade — a cultura que a define — não é fruto de um projecto racional, elaborado da maneira como se pode projectar e realizar, de raiz, uma fábrica, um complexo industrial, uma urbanização.

Uma cultura é o resultado de um processo (homem-outros homens, homem-ambiente), longo e lento, de acordo com os condicionalismos de vária ordem: geofísicos, económicos, delimitação de espaços e fronteiras, tecnologias, produções, valores, etc... Nesse processo se vão integrando, afeiçoando, compondo, os vários elementos até constituírem um todo relativamente coerente. Tomando como exemplo a cultura da região onde se insere Melgaço, diríamos que ela é fruto do multissecular esforço e intervenção humanas, vividas no preciso espaço encerrado entre montanhas e cursos de água (Peneda, Geres, Soajo, Amarela, Rio Minho e Sil...)

Dissemos que uma cultura é um todo relativamente coerente, e isso quer dizer duas coisas:

A primeira é que os seus elementos têm relações mútuas e se explicam e completam uns aos outros. Por exemplo, uma igreja românica, uma ponte romana ou celta, têm a ver como o «universo» em que se inserem, com os costumes e aspirações das terras e gentes contemporâneas, com seus modos de pensar e sentir, de trabalhar e comunicar.

A segunda observação: a coerência interna da cultura como um todo é apenas relativa: não é fixa nem imóvel. Cultura é realidade dinâmica: é «um povo em movimento», em evolução; nessa evolução os elementos integrantes vão-se alterando; uns perdem significado e funções, outros aparecem e afirmam-se. Há instrumentos, costumes, formas de trabalhar, de cantar e rezar, que perduraram por séculos de vida; outros desapareceram e deles nos fica recordação e memória nas histórias, nos instrumentos, nos lugares que os viram florir e morrer. Por exemplo, as eiras são espaços que, em alguns sítios ainda têm a mesma função secular, noutros, já a perderam então, modificou-se (servindo para manifestações turísticas ou para integrar em jardins de casas ricas, etc); os jugos ou cangas de bois continuam a servir, mas há quem os use para decorar casas; as alegrias e vicissitudes, do trabalho do

linho, hoje, só existem apenas nas histórias e sentimentos dos mais idosos.

Ao mesmo tempo, novos costumes, novas formas, novos instrumentos de trabalho e de recreio, tomam posição de revelo na culturas, nacionais e regionais. A emigração, por exemplo, suscitou e suscita um novo surto de histórias, fez do automóvel um «objecto» comum na vida das pessoas, trouxe novas palavras à linguagem corrente, modificou crenças e valores: os Melgacenses são os mesmos, mas ao mesmo tempo modificam-se. Em resumo: a sua cultura vai-se alterando. Essa alteração é lenta; pois, do mesmo modo que a cultura não nasce já feita e pronta, por deliberação das pessoas, assim também não se muda radicalmente dum dia para o outro, por desejo ou decreto de quem quer que seja, por violência, por opressão ou subversão — mesmo que as aparências possam levar a pensar que «realmente está tudo mudado». As mudanças profundas são lentas porque vão à raiz das coisas, e as pessoas, aculturadas como as árvores, não tombam com o vendaval.

### Património Cultural

O conceito de património cultural anda ligado ao conceito que se tenha de cultura; dele se distingue por especificar, numa determinada cultura, alguns elementos, alguns objectos e formas, que se consideram particularmente significativos e recebem, por isso, uma consideração especial. Dizemos assim, por exemplo, dos monumentos arquitectónicos do Concelho de Melgaço, que fazem parte do seu património cultural, porque entendemos que o Castelo Medieval, a Ponte Romana de Lamas e a Ponte Celta e Castelo de Castro Laboreiro, o Convento de Fiães e de Paderne, a Igreja da Orada e outras Igrejas e Pelourinhos espalhados pelo concelho, constituem um testemunho da existência, das crenças, das formas de viver e sentir do homem de Melgaço, através dos tempos. E tudo isso participa, ainda hoje, na definição da sua identidade.

Entretanto, os costumes ligados às fainas produtivas, os instrumentos de trabalho, as formas e objectos de culto religioso, de instrução ou de recreio, as múltiplas actividades, antigas e tradicionais ou mais recentes, que designamos por «manifestações culturais ou artísticas» (teatro, canto, dança, feiras, romarias, etc.), constituem o «património cultural», que engloba o «património artístico» mas é mais vasto que ele e não menos importante.

Um tear, por exemplo, pode ser uma peça do património cultural de Melgaço, não pela sua beleza (valor artístico) mas por ser um instrumento carregado de significado. Ele nos explica uma forma de trabalho, vigente no concelho, e em determinado período histórico, à qual vão ligadas outras formas locais contemporâneas, como seja, a criação de dados lanégero, a arte do linho, o trabalho das tecedeiras, as histórias e festas, ligados a tal actividade.

O valor do tear como peça patrimonial está, pois, na sua capacidade de testemunho, de elemento simbólico, de instrumento pedagógico.

### Defesa e preservação do património cultural

Toda e qualquer pessoa defende a própria existência, as suas crenças e

valores, a sua linguagem e seus hábitos, os objectos e instrumentos que, pela sua utilidade, são como que parte de si mesma: perder estes elementos significa perder, no todo ou em parte, a própria identidade. O mesmo vale para os povos: perdido o território, perdidas as festas e feiras, seus modos e instrumentos, arruinadas as casas, as igrejas e as praças, esquecidas as músicas e os poemas que cantavam a vida, seus prantos e regozijos, perdidos estes elementos, no todo ou em parte, essa terra como que perde a memória e perde ou enfraquece, por aí, a sua identidade. Um povo sem memória é um povo que já morreu e não o sabe...

Por isso, defender o património é o gesto de quem defende a própria existência: o futuro está dependente dessa defesa.

Também aqui pode ajudar a comparação com as pessoas: estas precisam de país, de raízes, de ligações a coisas, espaços, ritmos, etc. Sem isso, é muito difícil a integração social, e muito problemático o seu futuro, pois não há identificação que permita assumir progressivamente uma atitude autónoma e criativa.

Assim, também, às regiões e populações locais importa conhecer a própria história e geografia, conhecer os recursos e sua utilização, os valores, costumes e hábitos que regeram e regem a vida local, para poder assumir o próprio destino. Se se destroem todos os sinais, todos os elementos e conhecimentos, ou se se vive exclusivamente dos elementos que se vão buscar fora, ou então vive-se como estranho na própria terra e como estranho de si mesmo. Melhor: deixa-se de viver, porque apenas se está a vegetar. Daí a necessidade imperiosa de conhecer e defender o património.

### Algumas medidas de defesa do património cultural

A defesa do património cultural, entendido este como o definimos, será pois, basicamente, uma defesa de si mesmo. Isto quer dizer que cabe às regiões e às suas forças vivas, a iniciativa e o papel principal nessa defesa. Não se há-de esperar, passivamente, que as entidades nacionais se encarreguem de definir os termos dessa defesa e assumam totalmente, os encargos da mesma.

A primeira medida, que condiciona todas as demais é a promoção e divulgação do conhecimento desse património. Que é o mesmo que conhecer-nos a nós mesmos, conhecer o mundo que nos rodeia, nos condiciona e modela, que tão ligado está à nossa génese. Exemplos do que dizemos: artes ou ofícios que desapareceram ou diminuíram muito (ferrador, oleiro, cesteiro, etc.); artes e objectos que perderam a utilidade directa, mas adquiriram valor simbólico ou decorativo e, por aí, renovaram ou reforçaram o valor económico (artes decorativas, como certas olarias, funilarias, tecelagens, ferrarias, etc.); artes e instrumentos que conservam toda a sua utilidade, embora, por vezes, profundamente alterada (muitas actividades e instrumentos respeitantes ao labor agrícola, cujas funções continuam a ser as mesmas de sempre).

Finalmente, este conhecimento de nós mesmos e do nosso património mais a avaliação crítica que daí se

deve seguir, permitem assumir o passado e o presente como elementos, instrumentos e estímulo do futuro.

A promoção deste conhecimento supõe várias medidas complementares, uma delas é o levantamento e classificação de todas as formas, elementos e actividades culturalmente significativas da região e das várias áreas da região.

Este levantamento, devidamente construído, publicado e divulgado é condição prévia essencial para uma actuação criteriosa, quer directamente sobre o património (por exemplo, intervenções relativas ao artesanato e ao modo de o tornar activo e rentável), quer indirectamente sobre sectores cujas actividades podem afectar esse património (por exemplo, instalação de unidades industriais ou turísticas).

Acrescentaríamos que não convém esperar, neste campo como noutros, que entidades (públicas ou privadas) ou peritos exteriores à região ou área, venham cumprir esta tarefa. Contar também com a colaboração dos naturais, cujo conhecimento e sabedoria são inestimáveis para a causa que aqui tratamos e propomos. Congraçar, estimular e apoiar tais pessoas e capacidades, é, por isso, uma acção altamente compensadora.

A segunda medida genérica, da maior importância para a defesa e preservação do património, é a formação do seu uso: e o melhor modo de o preservar!

Isto há-de ser entendido e praticado de acordo com a natureza, situação e estágio evolutivo do elemento patrimonial considerado em cada caso. Uma arte florescente (exemplo: uma olaria ou tecelagem bem adaptada económica e socialmente aos tempos de hoje), uma actividade viva e interessante (exemplo: um rancho folclórico que é acarinhado pelo juventude duma terra), um monumento de função definida e activa (exemplo: uma igreja antiga, mas aberta ao culto, frequentada e usada habitualmente para celebrações religiosas, eventualmente também, para manifestações culturais que, não destoem) são exemplos de situações de uso que, mantêm os elementos patrimoniais em vida, tanto sob o ponto de vista físico como do ponto de vista simbólico e significativo.

Ainda a respeito do uso, como modo mais capaz de manter os valores patrimoniais, conviria deixar aqui, pelo menos, um breve apelo às intervenções que se impõem como necessárias para que, algumas actividades de grande valor — por exemplo, certas formas artesanais — possam subsistir e expandir-se por si mesmas, e possam ainda atrair os jovens aprendizes que hão-de perpetuar e inovar as artes seculares e as obras delas procedentes.

Uma terceira medida em ordem à defesa do património cultural, que poderíamos considerar um corolário das medidas anteriormente apontadas, consiste numa acção de educação e promoção da consciência desse património local.

Quem encontra uma pedra e acha que, não passa duma pedra, deita-a fora; mas se tiver a capacidade de discernir o oiro que nela se encerra, guarda-a e aproveita-a. De igual forma, quem conhece e entende o valor dum património e dos elementos que o compõem, não os despreza nem destrói. Por isso, a melhor maneira de salvaguardar tais valores é educar para o seu conhecimento e uso.

### O Papel da Escola

Parece-nos, efectivamente, que a escola tem uma responsabilidade, que não pode alienar, na tomada de consciência, por parte dos jovens, do que é a sua terra, que valores encerra, que realidade e aspirações são as suas. Uma pedagogia activa não deixará de aproveitar ao máximo as actividades didácticas para promover essa consciência; e

aproveitará, igualmente, os elementos locais para ilustrar e preencher os requisitos da programação e objectivos de acção escolar.

Para que a escola realize, pois, estas tarefas importantes, torna-se necessário que a organização e gestão das suas estruturas, bem como a elaboração dos seus programas de ensino, contem, obrigatoriamente, com a participação e responsabilização de pessoas locais, individuais e colectivas, tais como, encarregados de educação, representantes das associações culturais e profissionais, e autarquias locais.

Mas a educação, assim como a defesa e fruição do património cultural, não são, de modo algum, tarefas ou actividades reservadas para os jovens: educação é um processo que, ao fim e ao cabo, se identifica, ou devia identificar, com a própria vida. Daí o falar-se em educação permanente, a qual exige a organização de pessoas e instituições que se dediquem a essa tarefa de promover o conhecimento, divulgação e utilização de valores patrimoniais, passados e presentes chegando, aí, à criação de novas formas, novas obras, homens novos. Acrescentaríamos, ainda, que essa tarefa educativa requer animadores mais do que meros palradores.

### Notas sobre a defesa do património cultural de Melgaço

À luz dos conceitos e considerações que antes propusemos, poderemos dizer que o problema cultural, em Melgaço, tem a ver, com carências, mas, também, com a falta de conhecimento de si mesmo e da própria realidade, suas características positivas e negativas, e está ainda na consequente dificuldade de evoluir e desenvolver-se a partir dessa realidade e suas potencialidades. Vive-se, então, em boa parte, de modelos, princípios, imagens e ajudas vindas de fora. É isso o subdesenvolvimento: basicamente, uma situação de dependência (mesmo que certos indicadores atinjam níveis razoáveis), uma falta de autonomia.

Eis porque adquire particular relevo uma iniciativa como a da criação de um movimento social que se oriente no sentido de assumir a função da preservação, promoção e defesa do património histórico e cultural de Melgaço, isto é, dos costumes, das pessoas, das coisas, do trabalho, do recreio, da arte, que, ao longo do tempo, até aos nossos dias, modelaram o rosto da terra e a alma dos seus habitantes, e constituíram um património, que é a herança vital e a base do futuro. E são esses objectivos os que identificam as tarefas que, no nosso entender, estão, mais do que quaisquer outras, cometidas a esta tão importante iniciativa.

Sem memória, não há identidade, cultural e humana; sem identidade, não há futuro.

Por isso, um movimento deste tipo deverá entrar na primeira linha das actividades que visam recolher e preservar os valores acumulados no concelho e na região. A história, a economia, a arte, o trabalho deverão encontrar aqui, não só acolhimento, mas tratamento e divulgação.

Por isso, deveremos promover a organização do levantamento dos bens culturais, do reconhecimento dos mesmos, porventura, em muitos casos, da recolha de elementos, inclusivamente materiais.

Chamámos a isto «memória de Melgaço», porque, assim como, para cada indivíduo, essa faculdade lhe oferece a possibilidade de dispor dos materiais com que organiza e constrói a sua vida, assim, também, a memória colectiva de uma terra é essencial para a construção do seu futuro a partir dos materiais (valores, pessoas e bens) que são os seus. Daí, a conveniência da participação de pessoas de várias formações e interesses, que possam con-

(continua na pág. 9)



Uma iniciativa que apoiamos vivamente

## Património Histórico e Cultural de Melgaço

(continuação da pág. 8)

correr, na sua diversidade, para o maior enriquecimento e fecundidade deste movimento, condição de seu futuro.

A defesa do património histórico e cultural de MELGAÇO deverá ser, antes de mais, um movimento de animação, que promova a consciência, aproveitamento e a renovação do património cultural do concelho e da região. Animar, isto é, restituir uma alma e tornar vivas as coisas e pessoas do passado, para delas recebermos a sua mensagem. Animar, por exemplo, as pedras duma ponte ou calçada romana e fazer nelas ressoar o trabalho dos seus construtores, saber do sentido e alcance desta via de comunicação, ouvir os passos de ferro das legiões ou dos humildes caminhantes, em trânsito... para onde? em busca de quê ou de quem? Da paz romana ou da guerra peninsular? Da aventura da vida ou da morte? Do domínio imperial ou da convivência intercultural? Questões próprias, afinal do homem que corre pela moderna estrada que passa ali ao lado.

Animar é ainda reunir retratos e fotografias da vila ou aldeia doutras eras, ordenar graficamente alguns dados essenciais sobre a vida e a economia contemporâneas, juntar os instrumentos de trabalho a uma arte e convidar testemunhas directas ou próximas desse processo que vem do passado — e confrontar tudo isso com o presente e a gente mais nova. Progrediu-se? Em que aspecto? Que acções levar a cabo para preservar, duma forma artesanal, um espaço arquitectónico?

Animar é também pôr crianças e adultos a pintar a vila e a vida local e expor o resultado dessa acção, em paralelo com o que outros pintores, antigos ou contemporâneos viram, da mesma vila e suas actividades.

Animar é ainda promover a educação pela arte, promover o respeito pe-

las obras e espaços significativos, promover o restauro e organizar o aproveitamento útil dos edifícios valiosos, participar nas acções que visam defender da ruína ou manipulação indevida um conjunto histórico, um belo monumento, um fresco.

Em suma: animar é dar vida às coisas e pessoas, é dar a conhecer, aproveitar e divulgar o património do concelho, que o é também da região.

Assim, a Defesa do Património Cultural e Histórico de Melgaço aparece como um instrumento, de flagrante oportunidade, ao serviço da educação da juventude e da educação permanente da população do concelho, que tem por si, além de muitos outros argumentos, a necessidade sentida de tantos cidadãos. Daí a importância de congregar essas vontades, aproveitar criteriosamente as competências e começar, a pouco e pouco, a dar corpo a este verdadeiro movimento social e educativo.

Melgaço, 16 de Março de 1997  
A Comissão Directiva  
Associação de pais e encarregados de educação de Melgaço  
O Presidente  
Joaquim Castro Pereira

Até aqui, o documento.

Agora é preciso relê-lo, interiorizá-lo, falar dele às pessoas, passá-lo para a prática.

O empenhamento nas iniciativas aqui postas será um sinal de verdadeira cidadania e de real amor à terra.

À nossa maneira, procuraremos estar sempre na primeira linha. Como vem acontecendo há 51 anos.

Temos iniciativas em marcha cujos frutos esperamos poder colocá-los ao dispor de todos os melgacenses e de quantos nos visitarem.

«A Voz de Melgaço»

# Depois do Congresso...

(continuação da pág. 1)

por brilhantes penas de escritores nacionais, já falecidos. Cantaram-lhe hinos de apreço e de valimento.

Hoje, infelizmente, só se come presunto de Fiães ou de Castro em casas particulares e poucas. Não já em restaurantes.

No Natal do ano passado, em dia belo de luz, cor e sol, fomos a Castro Laboreiro, e entrámos num restaurante que já conhecíamos. Um membro do casal proprietário, disse-nos com clareza: compro dezenas e dezenas de presuntos na Galiza, salgo-os e defumo-os em minha casa!...

Pessoa que eu conheço, ao perguntar-lhe se havia presunto genuíno, em Castro, respondeu-me com este facto: «Chegou aqui um forasteiro e perguntou onde podia comprar presunto de Castro. O habitante da vila Castreja pediu que o acompanhasse. Com a resposta afirmativa, entrou no carro e levou-o a Entrimo, na Galiza. Introduziu-o num comércio e disse ao acompanhante que comprasse o presunto. Esta lembrança teve só esta resposta: «Não, eu vim comprar presunto de Castro»...

E regressou de mãos vazias!

Na nossa Vila de Melgaço, os restaurantes, todos, ou quase todos, servem presunto da Galiza, porque não há presunto de Fiães, nem de Castro, e acontece, se o há, em algum particular, o da Galiza é mais barato.

O VIII Congresso de Gastronomia do Minho afirmou que «era necessário e urgente a recuperação do presunto de Fiães e de Castro Laboreiro. Mas, como? Com a construção, disse, de pequenas empresas locais, além da modernização administrativa e venda de produtos». Foi o que lemos.

Lemos no programa do Con-

gresso e no referente ao Pannel que estudava «Na defesa dos produtos tradicionais — o Presunto de Fiães e de Castro Laboreiro», que estava presente o Eng<sup>o</sup> Gonçalo Justo, da Cooperativa de Montalegre.

Não sabemos se este Eng<sup>o</sup> da Cooperativa de Montalegre, comunicou aos presentes a obra que dois melgacenses construíram em Montalegre: Um de Roussas e outro de Castro Laboreiro. A obra tem este nome: «Fumeiro do Barroso».

O primeiro dos melgacenses teve contactos com as autoridades locais de Melgaço a fim de construir essa obra na nossa terra. Não encontrou ambiente. E dois melgacenses edificaram em Montalegre o que seria a segunda indústria de Melgaço.

O presunto de Fiães e de Castro Laboreiro eram famosos, por «serem produtos regionais e terem reconhecida qualidade».

Estas, as duas qualidades indispensáveis para um produto genuíno.

A emigração, por um lado, com o desaparecimento das mulheres que cuidavam dos animais de acordo com a sua alimentação apropriada, e que o nosso conterrâneo Augusto de Jesus Pires, registou em «A Voz de Melgaço», o facto de agora só cuidarem do porco para consumo caseiro, a falta de prémios monetários a quem se consagrasse ao presunto genuíno, e da oferta financeira, fiscalizada, a quem desejasse colaborar na iniciativa, em singular ou em conjunto, da comercialização, tudo isto tem ocasionado o desaparecimento do presunto, o verdadeiro presunto de Fiães e de Castro Laboreiro.

Não é com palavreado laudatório e saudosista nem com Festas de Cultura, a consumir milhares de contos que podiam ser investidos nas realidades locais, que resolvemos os problemas da nossa terra.

O jornalista João Coito, no artigo a que já nos referimos neste número, remata-o desta forma: «Melgaço está

numa esquina muito esquinada de Portugal. Não merece que haja «arreneçados» que a atraíam. A bom entendedor...»

Nos temas apresentados, quem serão os «arreneçados»?...

Júlio Vaz

P.S. — O Congresso chegou até ao Brasil, donde nos veio, da cidade de S. Paulo, uma carta de um melgacense, datada de 3 de Abril, que emite opinião sobre o Congresso e o faz nestes termos: «Sobre o «Congresso Gastronómico», realizado em Melgaço, pelo que pude ler nas entre-linhas, creio que, como sempre, nada saiu de concreto, positivo, desse «Evento», que possa incentivar os apreciadores da boa mesa, a visitarem Melgaço. Mas oxalá me engane, e que, dessa «moita», como diz o brasileiro, tenha saído um bom coelho. Mas, o meu amigo, melhor informado, me dirá, se esse Congresso foi positivo, ou, então, não passou de mais uma Reunião que, depois de muito «palavrorio» estéril, nada saiu de útil que possa incentivar o Turismo, mercê de uma boa e tradicional Ementa, como a de Melgaço.

Espero, pois, o seu judicioso e oportuno comentário sobre mais esse «Congresso» que, a meu ver, não teria servido mais que de fúteis assembleias, em que os apaniguados do Partido Socialista se banqueteariam em lautos banquetes, à custa do contribuinte, que é o Zé Pagante, como sempre, e sem nenhum benefício para o Povo, de essas quantias milionárias, gastas inutilmente. É um regabofe de desperdício num pobre País como o nosso, sabendo-se que a Câmara Municipal está enterrada até ao pescoço, num tremendo «déficit». Ora, esse estado de coisas é uma vergonha, uma calamidade de desgoverno camarário, dessa Vila de Melgaço, digna de melhor sorte».

## Senhor Dr. Paulo Malheiro

(continuação da pág. 5)

go palavras de António Guterres, Primeiro-Ministro.

O «Diário de Notícias», de 19 de Abril, a todo o pano da primeira página, reproduzia as palavras ditas por António Guterres, em reunião do partido. Foram estas, em título:

«O PS só tem feito asneiras nos últimos quatro meses». E, na entrada da reportagem, concretizou ainda mais as palavras ditas por Guterres. Ei-las: «Nos últimos quatro meses só temos (o PS) feito asneiras no plano de intervenção política».

Escreve ainda o Dr. Paulo Malheiro: «E se alguém tenta quebrar esta monotonia com um pequeno artigo de opinião, logo ao lado (privilegio do Director) aparece outro a cortar qualquer veledade nesse sentido».

É comigo e agradeço as suas palavras, a que respondo. Tenho pela Verdade e pela Dignidade da Pessoa um respeito sagrado que sempre impus em «A Voz de Melgaço», sempre que a Lei me não proibisse.

Veja, Sr. Dr., «A Voz de Melgaço» dos primeiros anos, tempos em que em Melgaço a oposição a

Salazar se juntava aos apoiantes de Salazar contra «A Voz de Melgaço». Eram quatro formados em Direito e um era médico. Um deles era Presidente da Câmara e outro Presidente da União Nacional.

Houve polémica. «A Voz de Melgaço» respondia e publicava logo ao lado os artigos acusatórios dos adversários, o que estes nunca fizeram. Só me interessava a verdade. É este o conceito que temos da Verdade e da Dignidade e do direito que as pessoas têm de não estar sujeitas a vexames sociais.

Se a minha consciência me não desse plena satisfação, tinha-a recebido nos últimos tempos com a forma como Leonor Beleza foi fustigada sem se poder defender, devido ao segredo de justiça, tendo o seu advogado desrespeitado a lei positiva para impor a lei natural: o direito ao respeito e à verdade.

Escreve ainda o Dr. Paulo Malheiro: «Quanto à Adega, não podemos confundir o capital nela investido, com a sua situação financeira».

A confusão é da sua autoria, pois o que eu escrevi foi: «O que está em causa é isto:

- a) Quanto custa a Adega?
- b) Onde vieram os dinheiros para as despesas?

c) Como se processaram as contas??

Finalmente escreve: «O Senhor Amadeu nunca deu nada a ninguém?». Não faço ideia, mas quem somos nós para o julgar?»

Com estas perguntas quis responder ao que eu escrevi: «Do Brasil, em carta devidamente assinada, recebi esta informação: «Para seu conhecimento sobre o personagem em evidência na actualidade da nossa terra, «filantropo» de última hora nunca deu nada a ninguém».

A minha resposta é simples: o autor da carta tem obra feita, famosa, e é tão sério e tão culto, pelo menos, como o Dr. Paulo Malheiro.

E vive e trabalha no Rio de Janeiro, conhecendo, portanto, e de perto, o referenciado.

Não queria abordar casos como este. Fi-lo porque o Dr. Paulo Malheiro, desde a primeira hora, incluiu o jornal «A Voz de Melgaço» no seu desabrido ataque a A.E., professor culto, sério e dedicado ao ensino, e que, na nossa terra, dá ao público uma grande lição — o amor à lavoura — e que vibra com as injustiças como se alegra com a justiça, a Bondade e a Verdade, não obstante a gravíssima doença que o feriu, há poucos meses.

Júlio Vaz

## II JORNADAS DE TURISMO Casa do Povo de Soajo — conclusões —

Tendo como objectivo geral sensibilizar a população para o fenómeno turístico como alicerce imprescindível de um desenvolvimento regional adequado e como objectivo específico desenvolver e aperfeiçoar as competências técnicas dos alunos, de forma a permitirem desenvolver projectos pessoais e executáveis, para que possam vir a responder às exigências e necessidades do mercado de trabalho; depois de um amplo debate dos diversos painéis e de postas à discussão as seguintes conclusões:

a) Da necessidade de colocar toda a gama de recursos endógenos do concelho de Arcos de Valdevez ao serviço de um turismo de qualidade;

b) Da necessidade de uma abordagem global do Parque Nacional da Peneda-Gerês enquanto elemento qualificador do Alto Minho, na valorização do conjunto de recursos a ele inerente e no aproveitamento regional das mais valias por ele geradas;

c) Da necessidade de uma maior divulgação dos produtos turísticos dos Arcos de Valdevez, mormente, do seu Património Natural, Património Construído, Festas e Romarias, Gastronomia, Vinhos, Exposições, Turismo no Espaço Rural;

d) Da necessidade da organização da oferta como aumento da coor-

denação de estratégias, tendo sempre como base a qualidade e a competitividade;

e) Da importância do Turismo no Espaço Rural no contexto da Ribeira Lima e, concretamente, no concelho de Arcos de Valdevez, mormente, na experiência do Turismo de Aldeia na «vila» do Soajo;

f) Da necessidade de haver animação de atracção e animação de fixação que faça com que as taxas de ocupação sejam melhoradas no concelho de Arcos de Valdevez;

g) Concretamente e no caso do Soajo que seja proposta e definida a criação de um Centro de Artes e Ofícios assim como uma Cooperativa de Animação Rural;

h) Que sejam envidados esforços para a concretização de um PPC (Programa de Promoção Conjunta) englobando empresários de Hotelaria e Restauração, Câmara Municipal, Região de Turismo do Alto Minho, Comércio, Adega Cooperativa, ADERE-Soajo e ADERE-PG;

i) Felicitar a EPRAMI (Escola Profissional do Alto Minho Interior) pela organização das II<sup>as</sup> JORNADAS de TURISMO, incentivando-a a realizar outros eventos com vista a um melhor diálogo entre a população, empresários, autarquias, alunos e professores.

Foram as mesmas aprovadas por unanimidade.

Soajo, 12 de Abril de 1997

# Notícias do Rio de Janeiro

Por  
MANUEL  
IGREJAS

Pois é: o João Manuel Lima, para fugir à pachorrice da rotina e dar sossego por alguns momentos à Nazaré, resolveu escrever-me.

Já doutras vezes manifestei o prazer de me dá receber correspondência de conterrâneos e reafirmar essa satisfação, mormente quando o correspondente se digna evocar pessoas doutra geração, personagens da história contemporânea de Melgaço. Um pouco velho que eu, da idade de meu irmão Augusto, o Manuel Lima viveu acontecimentos de que apenas ouvi falar. A visita do Presidente da República, general Carmona é um facto histórico que as novas gerações por certo desconhecem. O Manuel Lima fez parte da guarda de honra que prestou as devidas homenagens na recepção que lhe foi tributada no terreiro. Eu também ali estava incorporado aos rapazes da escola e fui alvo de um afago de Sua Excelência, mas isso é tema para outra conversa. Lembrou o Lima a capela de Santo António. Tomei conhecimento dessa igreja através de literatura, não me lembro de ouvir falar nela e quando nasci ainda devia estar ali, entre o terreiro e a muralha onde depois construíram um coreto. Quem se lembra desse coreto? De triste memória e pouca duração. Nenhuma banda de música jamais quis tocar nele. Na inauguração o Mestre Moraes ainda tentou por a banda em cima mas não cabia... o Vasco dizia que aquilo era um ringue de boxe.

No livro «Padre Júlio Apresenta Mário», a página 23 tem uma fotografia do Terreiro em 1922 onde aparece no canto esquerdo parte dessa capela, e no centro da Praça da República o tal poste de ferro com os lampeões de que falou o Armando Malheiro. O Manuel Lima também lembrou os candeeiros e mais, numa prazerosa retrospectiva, projetou na tela da sua memória momentos agradáveis da infância. A garotada de então divertia-se jogando pião: ele recebeu como oferta do Bento Moraes, comerciante, um grande pião que logo na primeira arremetida desbaratou o magote de piões que estavam no círculo, jogando-os longe, o único que não saiu do lugar foi o que levou a ferroada que o estragou. O dito piãozinho foi proibido de competir, o Manuel só o usava para exhibições. O Mário Tenente gostava de jogar com um pequeno pião a que chamava a sua «vianinha».

E como a gravação não parasse, o Manuel Lima vai de lembrar os rapazes companheiros de escola e de brincadeiras: o Mário Feliciano (Tenente), os irmãos Torcato e Edmundo, os irmãos Henrique e Toninho (Quita) Fernandes; o Oceano (Ná), o Jaime Gonçalves, o António Barros, Renato Lourenço; os irmãos Ezequiel e José do Val, o Jesuino Colmeiro, o Arlindo Pinto, o António Pereira Dias, o Rui Barros Brito, o António Regueira, o Manuel Joaquim Gonçalves; os irmãos Eurico e José Rodrigues (Barrenhas) e o Francisco Augusto Igrejas (Gú).

Das raparigas daquele tempo lembrou: Maria Augusta Barros, Mimi e Biti Lima, a Anália Franco, a Ilda Lourenço, a Aida Bermudes, a Mimi Regueira. De Prado, lembrou-se da Maria Rosa da Silva, as irmãs Benedita e Palmira do Cabanal, os irmãos destas, Manuel e Germano; a Rosalina Ribeiro, o Claudino Castro e o José Mendes Pinto.

Gente! principalmente as novas gerações que se conseguem ler estas lembranças do Manuel Lima devem ter achado tempo perdido, lembrem só: mais dia ou mais ano menos ano, vocês, todos nós, vamos desta para melhor; não será uma glória para todos, principalmente para os que tive-

ram uma vida incipiente fácil de olvidar, daqui a cinquenta anos alguém lembrar que nós existimos?

Querido amigo Manuel Lima, os descendentes das pessoas evocadas devem estar agradecidos, mentalmente, as tuas lembranças. Todas as pessoas referidas eu conheci, algumas ainda existem, graças a Deus.

As maroteiras do Ângelo, teu cunhado, não eram muito diferentes das malandrines do Carriço, do Olharapo, do Cerinha, do João da Rosa e outros. Naquele tempo com pouco divertimento, quando se transpunha a fase de jogar pião enchia-se o tempo de lazer pregando peças uns aos outros, Brincadeiras inofensivas mas que, algumas, ficaram no anedotário da terra.

Dá um grande abraço ao Ângelo e a toda a gente da nossa terra. Também para ti e para a Nazaré. Obrigado por te lembrares deste amigo.

\* \* \*

Em comemoração da Páscoa lembraram-se de nós transmitindo-nos enternecedoras mensagens, gente muito amiga. A Maria Golim, em seu nome e de toda a família. Na hora em que falou comigo estava esperando o irmão, Henrique, para a confraternização na casa dele. A nossa prima, a deslumbrada Maria José, refestelada em sua magnífica vivenda de Vila Moura, com seu António; as, filhas Olga e Josiane já lhe haviam telefonado da Suíça. Também o António Ranhada que por mais dois meses vai continuar pagando penitência longe da neta Clarisse.

A comadre Sara enviou-nos mensagem de Feliz Páscoa. Lá em Jacaref todos estão nos «conformes». Ficou feliz com o bilhete do Zéca Afonso. Disse, toda contente: agora me lembro dele, o filho do senhor Adriano; mande-lhe um abraço. Está mandado!

\* \* \*

Por falar no António Ranhada deixem contar-lhes as últimas andanças deste conterrâneo que não sabe ficar parado.

Eu já contara a vocês que a filha Leonora e o marido Messias, desiludidos com falta de perspectivas, por aqui, foram instalar-se entre vocês af em Portugal. Em Vila Real e Valpaços passaram a desenvolver suas especialidades, fisioterapia e terapia ocupacional com grande sucesso. Adaptaram-se tão bem e fizeram tantas amizades que resolveram produzir a Clarisse.

Atrás da filha única e da neta, a Cândida e o António também transferiram seu acampamento. No Porto instalaram seus móveis e utensílios, ou melhor, atracaram sua barcaça.

Os negócios pendentes que deixaram por cá requisitantes suas deixanças no final do verão passado. A Cândida voltou mas o marido ficou por aqui pensando a solidão familiar e trabalhando duro. A Confeitaria Suíça, em Copacabana, por falta de administração competente andou balançando, e o Abílio, grande amigo e eis sócio implorou ao António que lhe recolocasse a Confeitaria no prestígio anterior. Em seis meses o Ranhada pôs o estabelecimento na primeira linha do género. Cumprida a missão a Clarisse e o restante da Patota reclamaram a presença do patriarca.

Para a família não continuar desgarrada arranhou o António Ranhada, maneira de por todos a trabalhar em conjunto. Então, de sociedade com aquele amigo, Abílio Teixeira Brandão, comprou o Café Embaixador, que, com as obras de modernização e ampliação transformou em, CAFÉ, SALÃO DE CHÁ E RESTAURANTE EMBAIXADOR, na avenida dos Aliados, no Porto. Os conterrâneos que se deslocarem à capital do norte, façam o favor de prestigiar esse grande e luxuoso estabelecimento. O Messias, a Leonora e a

Cândida, com toda a simpatia que Deus lhes deu estarão lá para atendê-los com o maior carinho e um bom desconto se disserem que são de Melgaço.

\* \* \*

O Carlos Alberto Afonso que periodicamente nos brinda com magnífica prosa no jornal, sempre abordando temas palpitantes, no número de 15 de Março, último, magistralmente narra o episódio verídico de uma mãe solteira da nossa terra. O ilustre escritor conterrâneo traça um paralelo entre as heróicas mães solteiras doutros tempos e a actual geração descompromissada com valores morais, religiosos e materiais.

O tema despertou em mim um sentimento de respeito e ternura com as inúmeras mães solteiras que conheci e me deu coragem de escrever sobre o assunto que muitas vezes já me aflorara à mente.

Andava eu na escola, pleno inverno, vestido com duas calças, uma em cima da outra, três pares de meias dentro dos socos e a meu lado, um, mais adiante outro e mais outro no canto da sala, rapazes, colegas de escola e brincadeiras, com um calção mal remendado e descalços. Os pés inchados de frio com os dedos cheios de feridas das frieiras rebentadas. E eles brincavam e até riam!... Conheciamos-lhes as mães que às vezes tinham dois ou três filhos e o pior, cada um de seu pai. Também eram conhecidos os pais, rapazes que viraram homens e acabaram casando com outras raparigas de famílias abastadas tornando-se cidadãos «respeitados»...

Não há como incriminar ninguém!

Nenhuma rapariga era tão ignorante que não soubesse o que poderia advir de um acto impulsivo. Havia exemplos à vista de todo mundo naquela e nas gerações anteriores. Simplesmente quando o irresistível apelo da carne encontrava oportunidade, obedecia à lei da perpetuidade, ao «crescer e multiplicai-vos». Promessas de futuro casamento também não era desculpa para se adiantar serviço. É uma condição fisiológica inerente a todos os animais. As regras de moral e sobretudo religiosas impõem normas de conduta que freiam os impulsos mas nem sempre fáceis de respeitar.

A carência de recursos para sobreviver pode ser a responsável pelo segundo e terceiro filho, cada um de parceiro diferente. «Já que a cabeça não a governou melhor» essas mulheres souberam, entretanto, assumir com dignidade a condição de mães. Contra todas as adversidades e humilhações conseguiram criar e educar seus filhos, fazendo deles pessoas dignas alguns de grande expressão.

Abençoadas mães solteiras da nossa terra.

**Nota:** eu não sou pai de ninguém nessas condições!

\* \* \*

## A CONTRAINDICAÇÃO DOS ANIVERSÁRIOS

Duas amigas se encontram:

— Sabias que a Leocádia faleceu? — Não digas! Coitada! Faleceu de quê? — De velhice! — Estás brincando, tinha pouco mais de quarenta anos. — Isso antes de frequentar as festas dos aniversariantes. — Como assim?...

— Como sabes, era assídua frequentadora das Casas Regionais. Dançava, brincava, divertia-se a valer. Numa das festas participou da homenagem aos aniversariantes pois tinha completado anos naquela semana. Comeu, bebeu e ganhou prenda como acontece nessas datas quando as Casas premiam seus associados e frequentadores. No mês seguinte, quando o director social pediu a presença no palco dos aniversariantes, de brincadeira, pensando ser reconhecida do mês anterior e mandada de volta, também se apresentou.

Nessas oportunidades ninguém pede

identidade, confia-se nas pessoas e se alguém deu pela presença intrometida da Leocádia não ligou. Foi mais uma vez parabenizada, ganhou presente, comeu e bebeu. Verificando essa facilidade passou a frequentar todas as Casas Regionais portuguesas. Pela programação dos jornais via quem promovia Festas dos Aniversariantes e lá estava ela. Teve meses de fazer oito aniversários. O tempo não perdoa, nin-

guém faz aniversário impunemente. Em pouco mais de vinte meses fez acima de cem aniversários. Ninguém durara tanto...

Colaboração do amigo M.G.: Enquanto ficamos preocupados permitimos que os outros nos controlem.

Rio, 12/4/97  
M. Igrejas

## Factos e comentários

### Amores quer salvar o mosteiro de Rendufe E tu, Fiães, acorda de vez!...

Amores tem dois mosteiros famosos: a Abadia e Rendufe: aquele; beneditino de Cister e este, beneditino.

Ambos com grande peso histórico e viveiros de civilização e de cultura ao longo dos séculos.

O da Abadia está a ser salvo: agora parece ter chegado a vez de Rendufe.

Propriedade particular, anos e intempéries estão a levá-lo à ruína. Para que ela não venha, a Assembléia Municipal de Amores resolveu enviar ao Ministro da Cultura o seguinte apelo: «importe uma atitude urgente do Governo para impedir mais desmoronamentos e dignificar aquele património, considerando que a Casa Conventual é propriedade particular e que as obras de restauro envolvem valores avultados».

A Assembleia acha que os pro-



prietários devem ser sensibilizados a apresentar um programa de aproveitamento e de obras de recuperação e o governo deve negociar a aquisição do monumento na hipótese de os proprietários não estarem dispostos a pagar as despesas com a recupera-

ção. O Estado deve proceder à expropriação administrativa, por abandono do património e elaborar um programa que salve o património. Claro está que a Junta de Freguesia de Rendufe e a Câmara de Amores devem ser consultadas pelo Ministério acerca das medidas a tomar.

Igreja, claustro e chafariz do imóvel estão classificados como monumento nacional desde 18 de Agosto de 1941.

Como base ao apelo ao governo, a Assembleia Municipal invoca o que o Estado fez com a Abadia e Tibães, aos quais salvou e reparou.

### E Fiães, quando acorda?

Nem a Abadia nem Rendufe têm peso histórico ou acção civilizadora que se compare à do mosteiro de Fiães. Fundado, segundo a Tradição, por S. Martinho de Dume, a ele se deve a rápida cristianização de Melgaço e civilização do castro e, mais tarde, do vale de Melgaço. Praticamente, o nosso concelho já estava organizado em freguesias desde o séc. VII.

Quanto a propriedades do mosteiro na Galiza, basta passar uma vista de olhos ao arquivo das contendas judiciais entre o mosteiro e os rendeiros galegos do arquivo da Coruinha, ainda por estudar. Relativamente a Portugal, mesmo reduzindo a informação ilógica de que «Depois do rei, Fiães era quem mais propriedades tinha em Portugal», ainda ficamos com uma ideia do número e valor dessas propriedades espalhadas pelo país.

O arquivo dos documentos relati-

vos a Fiães na BPB (Biblioteca Pública de Braga) permitem-nos formar uma ideia da sua incomparável história e da sua acção civilizadora. Tudo por estudar, claro.

Ora, se a Abadia e Rendufe que não chegam aos calcanhars em peso histórico e em prestígio ao de Fiães avançaram com o propósito de as salvarem das ruínas, que desculpa se pode inventar para deixar que Fiães continue na «apagada e vil tristeza» de até agora?

Reconstrua-se o imóvel do mosteiro cujo espaço conhecemos pelo «Minho Pitoresco» e instale-se no novo edifício a sede da Junta de freguesia, sala de reuniões e conferências, biblioteca, arquivo em fotocópia, restaurante, hospedaria etc. etc.

Se o não fizermos, os que nos visitarem chamar-nos-ão bárbaros e ignorantes...

### Falta de divulgação da III Mostra dos Produtos Regionais?

Achamos muito positivo e aplaudimos de verdade a III Feira Mostra de produtos Regionais pelo simples facto de se nos afigurar que era esse o caminho que deveria ter-se seguido desde há muito. Montalegre, Vinhais, Serra da Estrela e outros, demonstravam que era esse o caminho a seguir para a prosperidade das terras e consequentemente para obstar à desertificação. Esperávamos que imprensa e TV dessem noticiários adequados sobre ela, mas nada vimos ou ouvimos, salvo na RTP — Canal 2, no noticiário das 19.30, de 29/4/97.

Seguimos com cuidado o relato que tivemos pena de que se limitasse a imagens e intervenção de Rui Solheiro e do membro do governo ali presente.

Foi pena. Iniciativas desse género têm de ser preparadas com extremo cuidado e relatadas com o maior pormenor em todo o país a fim de se tornarem conhecidas do maior número público possível.

Gostamos que se tivessem convidado representantes do turismo em marcha de Soajo e de Vieira do Minho. Só que, no noticiário atrás referido, não apareceu nada a tal respeito.

Bom, o principal é lançar-se na aventura e não desanimar. Esperemos que, no futuro se programe melhor a preparação noticiosa e a subsequente informação após o acontecimento.

Luís de Castro